

# Abolição: 100 anos



Joaquim Nabuco, todo Abolicionismo num homem



Princesa Isabel, um instante de lucidez da monarquia

# Em Pernambuco, a luta criou raízes, plantou sementes. Não terminou

Potiguar Matos

Cem anos depois, a Lei Áurea, permanece como um divisor de águas na consciência brasileira. Há os que a esaltam como o momento culminante do abolicionismo; há os que nela veem uma pura fraude histórica.

Sustentamos uma inteligência do sistema que tenta fugir desses extremos interpretativos e encara o 13 de maio não como o instante de libertação do negro, mas, um episódio importante na sua luta pela liberdade, importante como o gesto de recusa dos quilombos ou o acerado revisionismo histórico de hoje, suscitado pelos movimentos negros.

Tudo dito - o nosso pensamento - torna meridionalmente pura pelo jogo de futebol Antônio Wilson Honório, o Coutinho, atleta de cor, muito companheiro de Pelé, no São Paulo de São Paulo: "A verdade é que jogador, fiquei conhecido internacionalmente. Sempre soube que há lugares onde o negro é proibido de frequentar, felizmente não houve casos de discriminação comigo. Achei que a questão fundamental é a economia. (Grifo meu) Ou seja, o dinheiro resolve, se o jogador pagou um milhão, eu também vou e pronto". (DP, 17/5/88).

Cada vez mais, a História se revela um jogo dialético. Uma de suas faces mortais seria o choque imperceptível entre coisas como preconceito e tolerância. Não fazem parte de um determinado período histórico, ou de determinada cultura. São intemporais. Inevitavelmente, conaturais a espécie humana, marcam o ritmo de seu cotidiano ou tragédia. Preconceito étnico. Preconceito religioso. Preconceito econômico. Preconceito político... No âmbito de qualquer um deles, a verdade aparece como monopólio e a sabedoria como fanatismo. Somente a tolerância, sob perspectivas à dignidade humana, oferece a tolerância suicida das indefinidas lotais; talvez, a grande tolerância, a convivência dos contrários, dentro de concepções mais altas de justiça e verdade.

Cem anos depois da Lei Áurea o abolicionismo continua problemático. De uma forma ou de outra, não podemos deixar de enfrentar o seu legado. Qual será a nossa opção, o preconceito ou a tolerância?

## MARCAS PERNAMBUCANAS

Aqui, em Pernambuco, foram plantadas as raízes da cultura brasileira. No massapê nordestino a cana-de-açúcar, inicialmente concentrada

triotas, vossas propriedades ainda as mais opugnantes ao ideal da justiça serão sagradas; o Governo por meios de diminuir o mal, não o fará cessar pela força. Crêde na palavra do Governo; ela é santa".

Extraordinária radiografia das forças internas que dilaceravam a Revolução, o sentimento do humano e a falsa noção de justiça; o direito natural esmagado pelas exigências circunstanciais da política. Este conflito iria encher todo o espaço do 1º Reinado, da Regência e do 2º Reinado, monotonicamente, como o holero de Ravel da maldição, uma minoria poderosa e rica pisoteando a dignidade humana por um releu subterfúgio jurídico.

Inúmeros outros episódios poderiam ser citados nesta rede de fatos que amarra Pernambuco à luta contra a escravidão. Fatos como a proposta do deão da Catedral de Olinda, Bernardo Luiz Ferreira, unanimemente, aprovada pelo Conselho do Governo da Província, em 1830, objetivando libertar os escravos através de indenização ou, mais positiva, ainda, a decisão "dos padres do mosteiro de S. Bento de Olinda, reunidos em capítulo, concedendo liberdade a todos os escravos dos mosteiros de Pernambuco e Paraíba por ser a escravidão oposta à razão, à consciência e à religião; nobilíssimo procedimento que foi imitado pelos padres do Carmo daquela cidade, e mais tarde pelos do Recife" (Pereira da Costa, Anais, vol. 9, P. 388, ed. Fundarpe). Isto em 1831, o mesmo ano em que a Regência elaboraria a Carta de Lei, de 7 de novembro, proibindo o tráfico de africanos, e que morreu no papel, sob a resistência do poder latifundiário e agrícola.

O momento alto, porém, da integração de Pernambuco na luta emancipacionista, sem menosprezo de outras manifestações, iria se chamar.

## NABUCO E ZE MARIANO

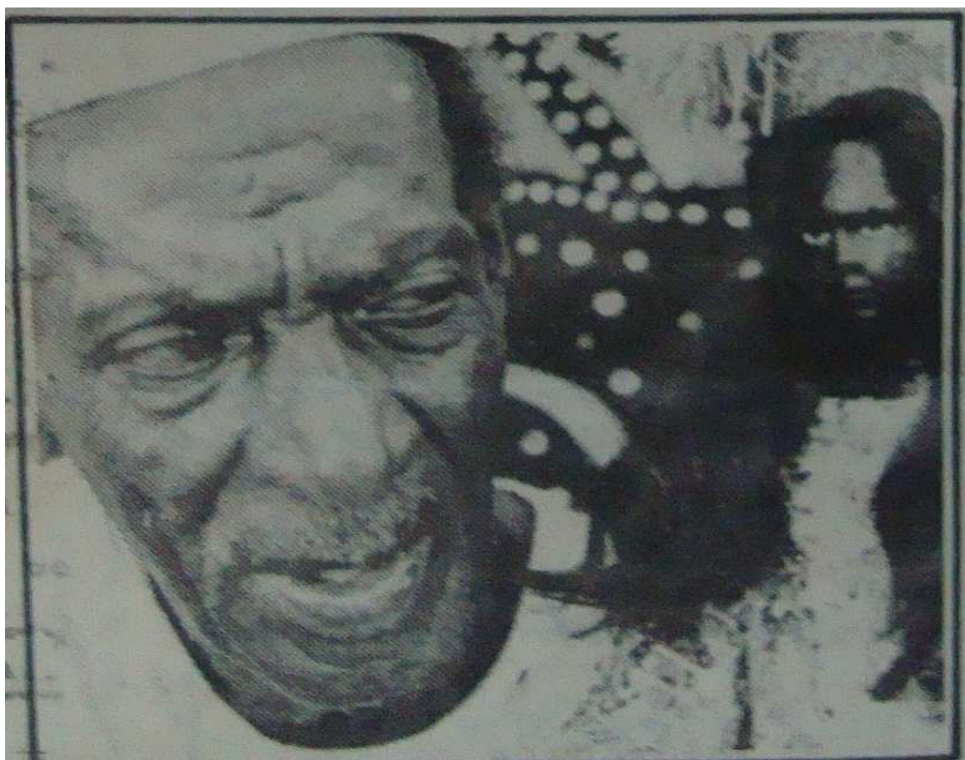
Gilberto Freyre viu o grande paradoxo humano de Nabuco: um aristocrata que renunciava privilégios para servir uma causa; um branco que entrava nas senzalas como libertador. Abandonava sua classe para ficar com a humanidade.

É do ano de sua estréia parlamentar - 1789 - algumas colocações definitivas. E que iriam balizar sua caminhada vertical. Será um homem de princípios, jamais de transações. À beira do túmulo de Vila Bela, dirá: "Não há senão um meio para resistir a este destino implacável; é substituir os grandes homens que nós perdemos pelas grandes idéias; e, em vez de pormos



## ATABAQUES NAS NOITES

Nesta sexta-feira, 13 de maio, o som de muitos atabaques “zoa” nas Noites Olindenses, com a presença do famoso “Maracatu Leão Coroado” – fundado em 1863 e, atualmente, o mais aniigo em atividade no Estado, e dos capoeiristas do Grupo Gunga de Olinda. A Orquestra do Maestro Duda também promete um repertório bem afro-brasileiro, a partir das 23 horas, no Clube Atlântico de Olinda.

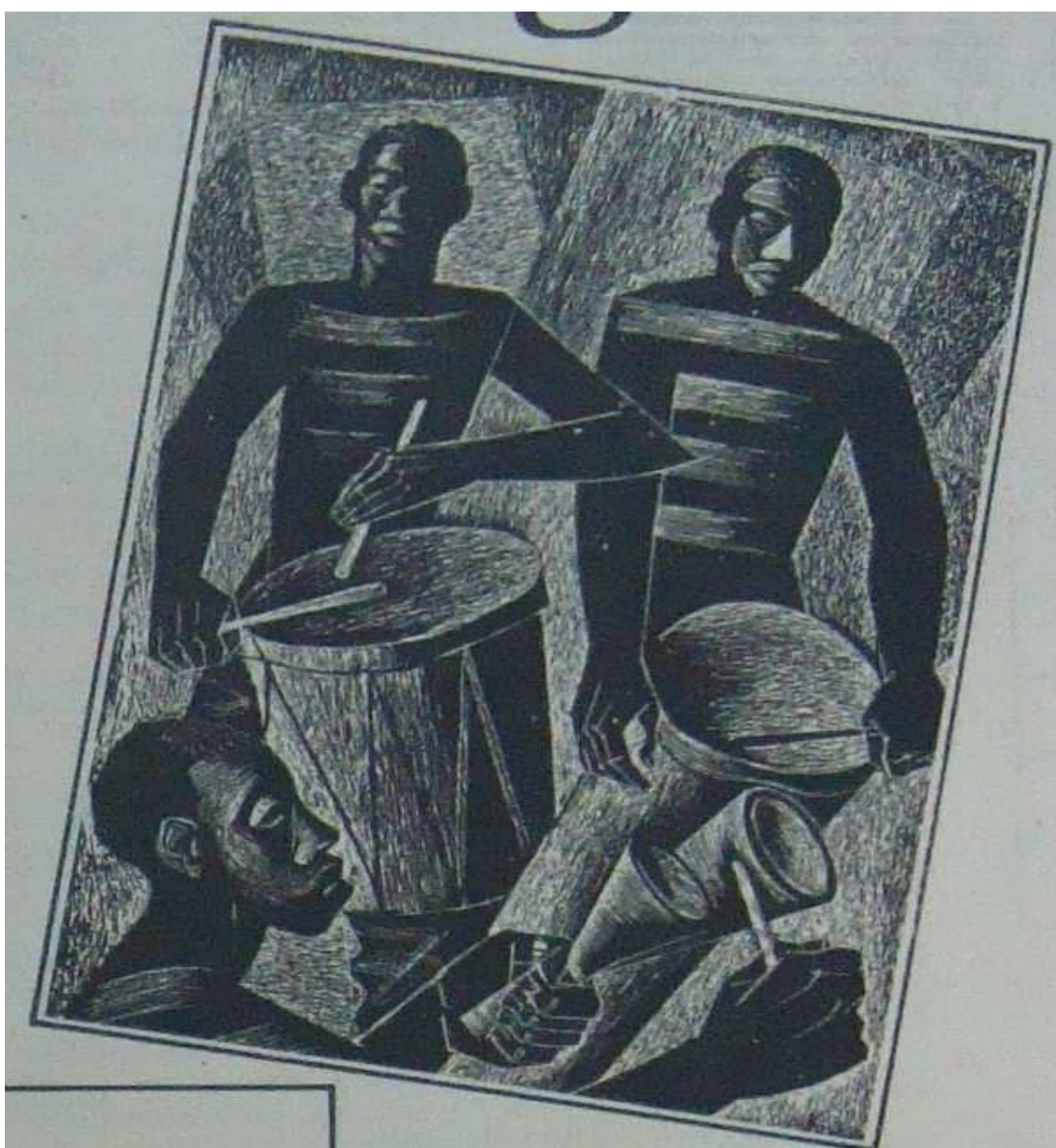


O babalorixá Luís de França, com a boneca Dona Isabel, estará nas Noites Olindenses, hoje

# Sarney: País escravo da raça negra

BRASÍLIA - Ontem, por ocasião do Centenário da Abolição da Escravidão, o presidente José Sarney fez um pronunciamento afirmando que o Brasil é escravo da raça negra, pois ninguém pode imaginar o País sem o negro, que ele tem de mais vivo e criativo, o que o torna singular em todo o mundo, que é o negro". Ressaltando que ainda falta completar a grande obra de emancipação, o chefe da Nação anunciou a criação, esta semana, da Fundação Palmares, que terá o objetivo de tornar possível a presença do negro em todos os setores de liderança do País, "numa fecunda revolução de libertação da dívida que ainda permanece". Segundo o presidente, "o que em outros países dilacerou e dividiu, aqui no Brasil foi convergência, congraçamento, união de vontade, entendimento e unidade, porque estavam juntos o Parlamento, o Governo, o povo e a Nação em sua totalidade, para promover a libertação dos escravos". Enquanto isso, dezenas de pessoas que foram, ontem à noite, à praia de Carmo, para assistir à chegada de um "navio negreiro", que simbolizaria o desembarque dos negros escravos vindos da África, ficaram decepcionadas. A embarcação terminou não aparecendo, e uma encenação de sua chegada à beira da praia, feita por um grupo de negros, foi recebida com entusiasmo. Mais notícias nas páginas A-10 e A-14

Abolição: 100 anos  
No carnaval do Recife,  
a presença dos negros



Orquestra de Maracatu, por  
Lula Cardoso Ayres

## Evandro Rabello

São incertas, desconstruídas e imprecisas as origens da grande festa chamada carnaval, acontecimento que neste País vem ocorrendo a partir do século de 1553, quando ainda se chamava por aqui carnaval.

Teria surgido há dez mil anos antes de Cristo e vários textos dão conta de sua ligação com o ritual agrícola praticado por povos da Antiguidade. Homens e mulheres usavam máscaras, se enfeitavam com peles e plumas e numa algazarra chamada seguiam o estranho cortejo, invadindo as ruas e gritando a todo vapor: "afastai-vos demô-

Também é dito que o carnaval surgiu das festividades do paganismo como a de Ísis e do Bóris no Egito. Sua origem poderia estar fincada nos rituais hebreus ou nas lupercais, saturnais e bacanais de Roma. O historiador latino Suetônio conta que no tempo das saturnais em Roma, todos participavam da festa e os escravos podiam dizer verdades aos seus senhores, indo até a extremos como humilhar os senhores do jeito que bem quisessem. Nas festas das casas eram colocadas grandes mesas e todos podiam comer e beber até se fartar. O comércio das portas cerradas, tribunais sem funcionar e as lojas fechadas ficavam.

Festa onde os preconceitos caem por terra, a liberdade tem vez, o barulho dita ordens, as coisas acontecem e os homens usam máscaras,

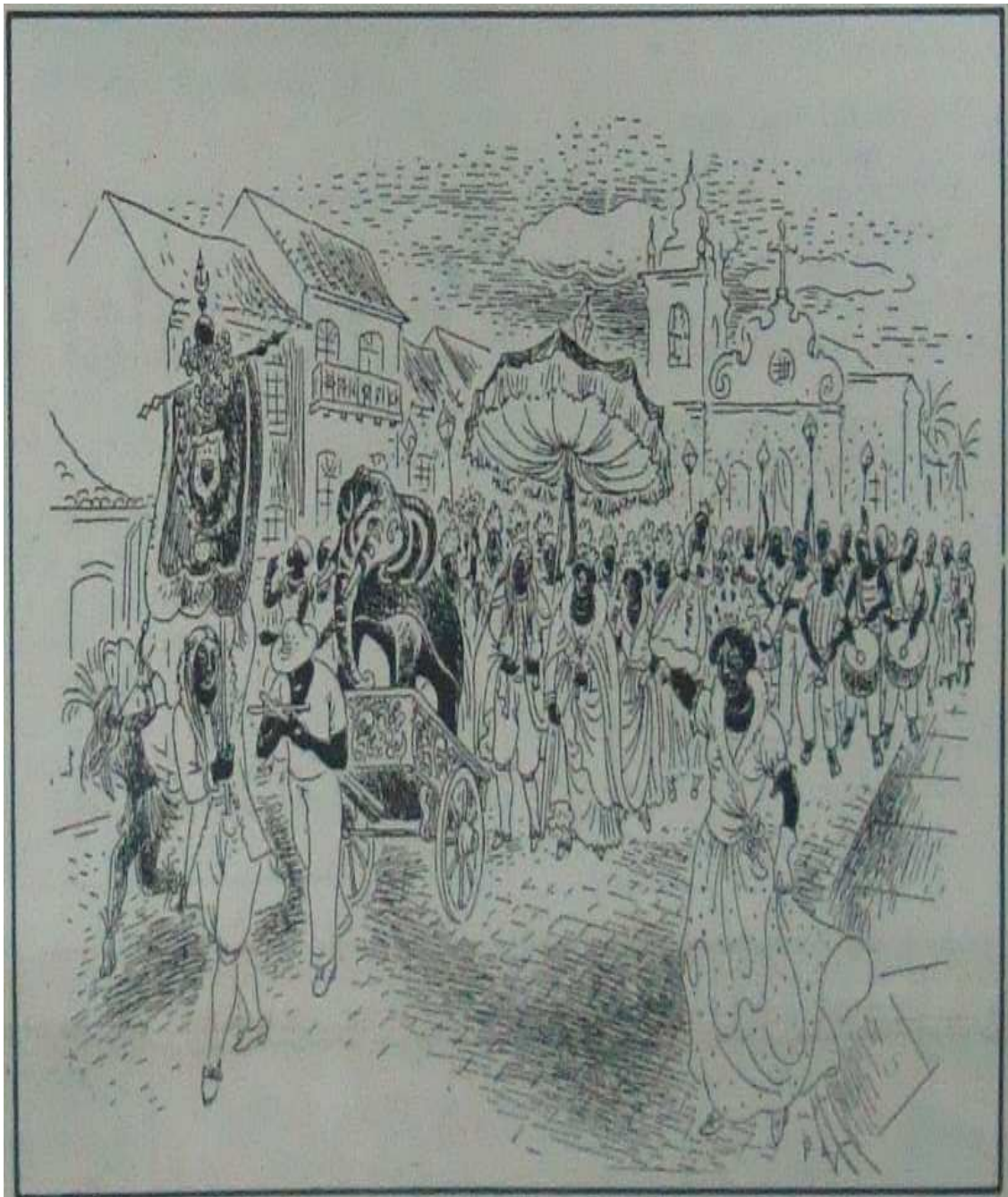
como há dez mil anos antes de Cristo ou em pleno fevereiro de 1988.

Outros afirmam que o carnaval teve suas origens nas festas da Idade Média.

A própria Igreja Católica não tomou a iniciativa de adotá-lo e até alguns papas se posicionaram como inimigos do carnaval. Mas Paulo II porque o carnaval italiano acontecia longe de sua porta e a rua que ia dar no seu palácio ficava muito desanimada, conseguiu que a algazarra chegasse na frente de sua vista e dos seus ouvidos, transformando-a numa espécie de QG do carnaval com corridas de cavalos, carros alegóricos, brincadeira de jogar ovos, corrida de corcundas e iluminação na base da vela.

Segundo Eneida, **História do Carnaval Carioca**, o carnaval "é encontrado de formas diversas nos mais diferentes países e épocas: entre os gregos, nas festas consagradas a Dionísio; em Roma, à divindade egípcia Ísis; entre os teutões, à deusa Herta ou Nerta, a "terra mãe".

Se as origens do carnaval são desconstruídas, por menos não fica o significado da palavra, achando uns que vem da **carum novalis**, abridor dos festejos romanos, de **caro-vale**, adeus a carne, pois o carnaval é o início da quaresma. Vem de **carne e vale**, ação de tirar a carne. No Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, aparece o verbete como de origem italiana, **carnevale**, sem explicar o significado.



Maracatu em desfile pelas ruas do Recife



## O ENTRUDO E O NEGRO

O carnaval chegou ao Brasil com o nome de Entrudo, trazido pelos portugueses. Consistia em jogar nas pessoas que passavam ou nas que estavam nas portas, portas ou nas que paradas nas ruas estavam, açúcar, pó de carvão, lã, ovos, goma, farinha do reino, farinha de cheiros, graxa, tizna, sebo, tinta etc. Muitas vezes invadia-se residências, Bacias, vasos, gamelas, garrafas, pratos, limas de cheiro, bisnagas etc., e eram utilizadas. Muita água e também pedras.

Nesta brincadeira, moços e velhos, homens e mulheres, brancos e negros, eram atingidos. Henry Kostar no livro *Seguimentos ao Nordeste do Brasil*, escrito nos começos do século passado, diz que o entrudo nivelava senhores e escravos. Mesmo dizendo isto, um relatório policial publicado no *DIÁRIO DE PERNAMBUCO* em 1866, dizia a "introdução de escravos no carnaval das máscaras e os que entre eles são encontrados, serão presos e castigados".

Lopes Gama, o famoso padre Carapuceiro, em artigo publicado neste mesmo *DIÁRIO* em 1844 lançava seu protesto: "os camponeses que vem a capital, trazer-nos os seus generos, vender-nos do necessário ou tratar d'algum negócio importante, são nestes dias fatais salteados de todas as partes, por escravos que lhe fazem toda espécie de insultos".

No seu jornal *O Carapuceiro*, onde fazia crítica de costumes na primeira metade do século XIX, o padre publica no citado jornal de 19 de abril de 1834 uma correspondência de "um honrado cidadão Francês", sem revelar o seu nome, onde o missivista comenta as impropriedades e indecências do entrudo em Recife. Aparecem na correspondência as limas, seringas, polvilhos, pó de carvão, barro vermelho, tauá, presentes em três dias de entrudo e nesta brincadeira "se servem até pretos cativos pelas diversas ruas da cidade, a fim de amarearem com tão sujas cores os mascarados matutos que por desgraça costumam de vir ao Recife n'esses dias". "Com o confio que nunca existiu honrado cidadão Francês, acredito mais ser obra do padre Lopes Gama.

Na Revista Diária do *DIÁRIO DE PERNAMBUCO* de 9 de fevereiro de 1866, com duras palavras este jornal critica a ação da policia: "Correram os primeiros dias de carnaval tendo pouca animação nas máscaras. Entretanto nos informam que entre algumas existem que são escravos. A audácia tem chegado ao ponto de irem por casas particulares e em estabelecimentos e aí em grupo quadricularem e fazerem inconveniências que se haviam corrigir, como deu-se na rua do Lago, antes de serem por cerca das 9 horas da noite por querer um desses má-

caras entrar a força em uma casa dali, de modo a promover distúrbios com intervenção de uma patrulha que por não cumprir o seu dever deixou impune um insulto ao domicílio do cidadão e um distúrbio que incomodou a toda aquela rua”

Era esta a sociedade que rejeitava o negro e as diversas manifestações de sua cultura, os espaços eram abertos para coisas de brancos, os elogios eram contabilizados em favor da classe dominante que coincidentemente era composta de brancos. As concessões tinham na maioria das vezes justificativas que podiam não ser as mais lógicas, mas com certeza atendiam a interesses das classes dominantes.

Por outro lado, as coisas de negros eram atacadas de frente, sem artificialismo. Na dura sorte. Às vezes para atender a interesses os mais diversos, entrava-se no terreno do adversário como na cerimônia da coroação do Rei do Congo, instituída por brancos com finalidades que atendiam a seus interesses.

#### MARACATU E CAPOEIRA

Na importante obra *Anais Pernambucanos* (1493 a 1850) em dez volumes, o historiador Pereira da Costa não faz referência ao entrudo ou carnaval, mas no *Folk-lore Pernambucano* há referências a danças africanas, denunciadas ao Tribunal da Inquisição em Lisboa em 1768, pelos seus agentes em Pernambuco. As danças africanas eram consideradas pelos *Familiares do Santo Ofício* como “torpes e escandalosas aos preceitos re-

ligiosos”. Assegurando Pereira da Costa que tais danças eram os batuques e maracatus.

Maracattu: música e dança de negros. Negros que vinham do outro lado do mar, de vários lugares da África distante. Como mercadorias chegavam aos montes nos navios negreiros, com o sofrimento estampado na face e a revolta escondida no peito. Sua terra de origem tinha ficado para trás e agora era esperar o que viesse. Da viagem (e vida) tão cheia de amarguras, ficou o balanço do mar no juízo do negro.

Chegando a nova terra, alguns com sangue real correndo nas veias, eram ou viravam reis. Realeza sem voz de comando, obediente aos interesses dos brancos. Puseram-lhe uma coroa na cabeça e a Santa Madre Igreja abençoou o ato. Agora era Rei do Congo. Da coroação de Rei e Rainha do Congo, surgiu o maracatu.

A instituição já era - segundo Guerra Peixe, *Maracatus do Recife* - realizada em 1674, onde aparecem Antonio Carvalho e Angela Ribeira, como Rei e Rainha do Congo, realizada a eleição na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Tinha a solenidade o fim principal de disciplinar a escravaria. A festa alcançava um certo esplendor e autoridades emprestavam jóias, adereços, roupas aos coroados.

Os negros iam buscar o casal e em forma de procissão era levado até a Igreja, onde era coroado pelo vigário. Havia danças, cantos, alegrias, antes e depois da coroação. Segundo

Roberto Benjamim em Congos da Paraíba, em Portugal, antes do descobrimento do Brasil, a Irmandade do Rosário no Convento dos Dominicanos de Lisboa, já fazia a coroação de Reis Negros. José Antônio Gonsalves de Melo e Leonardo Dantas Silva, falam de igual cerimônia na Espanha e na França.

Cortejo real com Rei, Rainha, Vasallos, Embaixador, Lanceiros, Dama-do-Paço, Baianas etc. Zabumbas, caixas de guerra, gonguês, mineiros, varando a noite, até parece que o Recife virou África.

Ascenso Ferreira em trabalho publicado na revista Arquivos, conta o caso de um senhor de engenho que investido de poderes policiais, mandou prender um maracatu, obrigando o pessoal a trabalhar no eito e depois espatifar os zabumbas e ganzás a coice de carabinas e golpes de facão. O mesmo Ascenso se refere a um usineiro numa noite de carnaval, mandou dar um cerco num maracatu e "horas depois lá estava o Rei, com seu manto de veludo, dirigindo as manivelas, o Baliza botando cana nas moendas, os caboclos vestidos de cocares e plumas trabalhando no vácuo alemão".

Apesar de contido e humilhado, o negro não se deu por vencido e nem tranquilamente aceitou imposições. Reagiu enquanto pôde e foi como produto de sua reação que surgiram os primeiros movimentos de uma dança violenta e desordenada chamada "passo" na definição de Valdemar de Oliveira "a dança que se dança com o frevo".

O capoeira de Angola, pulando na frente das bandas de música do velho Recife, vibrando cacetes e cuspidando palavrão, engatinhava o passo. A prática de desordens e malandragens era o pretexto que a policia encontrava para reprimir o negro, conter o capoeira, corta-lhe as asas.

No tempo dos Vice-reis no Rio de Janeiro, eram temidos e depois da Independência do Brasil uma portaria mandava aplicar duros castigos nos lombos dos capoeiras. Na Bahia se apresentavam com brincos de ouro e tão valentes eram que foram recrutados para servir ao Brasil na guerra contra o Paraguai. No Recife, muitos serviam aos poderosos, pastores, políticos, bandas de música. No encontro das bandas Quarto e Espanha, o tempo esquentava, o cacete cobria, a tastera entrava em ação e o bucho do antagonista servia de batuta às alistas peixeiras.

"Eliminados" - diz Edison Carneiro - "os capoeiras deixaram atrás de si a semente generosa do passo".

## *Negritude: uma presença constante na Câmara*

### Zadock Castelo Branco

A negritude tem sido uma presença constante na vida político-partidária pernambucense, especialmente na Câmara Municipal, apesar das notórias dificuldades que este segmento social enfrenta, mais em função do preconceito do que propriamente racismo do tipo norte-americano ou africano-do-sul. Desde 1947 que o negro tem assento no Legislativo recifense, que o processo de redemocratização, após a detrubada do Estado Novo, culminou com eleições gerais em Pernambuco - governador, senador, prefeitos, - com exceção da Capital - deputados e vereadores. O velho PCB elegeu 11 vereadores



*Vereador Vicente André*



*Vereadora Edna Costa*

dores de um total de 25. Foi a maior votação comunista para a Câmara Municipal, mas não tinha nenhum negro em seus quadros. Uma das principais características da esquerda brasileira é justamente seu elitismo...

Numa demonstração de que o apregoado racismo à brasileira não existe é que o segundo presidente da Câmara Municipal do Recife foi justamente um negro, "um moreno" na expressão peculiar e carinhosa do brasileiro. Na segunda legislatura de 1947, assumiu a presidência um humilde estivador, Lourenço Francisco de Albuquerque, o "Marinheirinho", eleito pela legenda do Partido Social Progressista. Uma tecelã negra também fazia parte da composição no antigo Legislativo recifense: Júlia Santiago, além do estudante de engenharia Heitor Pereira, o tecelão Andrônico de Barros e o eletricitário Ramiro Justino. Naquele ano, a negritude representava 16% do total dos vereadores. Posteriormente, também foi eleito outro negro, Pedro Renaux.

Quando o Recife readquiriu sua autonomia política, em 1955, para eleger o prefeito por voto direto, a presença negra conti-

tiu político e seu temperamento: Vicente André Gomes, herdeiro do seu pai, o ex-deputado e ex-vereador Moacir André Gomes; a voluntariosa líder feminista Edna Costa, humilde e sempre solícita; o sempre sorridente Edmar Lira; e o controvérsido Braz Batista, sempre votado pelo lumpem recifense e por segmentos da classe média, em protesto.

Braz Batista não mede as palavras quando instado a falar sobre os cem anos da abolição da escravatura e o papel do negro na vida político-partidária: "Não me envergonho da minha cor. No Brasil não existe este negócio de racismo. Agora, não gosto de certos negros que vivem fazendo medidas e tentando esticar o cabelo. Acho que todos nós devemos assumir a nossa condição. É mais correto e mais decente", arremata. O vereador Braz Batista é o retrato fiel de um segmento social que, apesar de ostensivamente marginalizado por mais problemas estruturais do que a cor; brigador, faz muita zoadá e não leva desaforo para casa. É um irreverente por temperamento. Por sugestão sua, amanhã, o grande expediente da Câmara recifense será dedicado ao

nuou, mas sem atingir o percentual de 1947. A explicação é simples: a composição foi ampliada para 25 vereadores. Esta composição persistiu até a eleição municipal de 63. Anos depois, a Câmara Municipal do Recife passou a ter 33 vereadores. Hoje, a negritude representa um pouco mais de 12% desta composição global. É até um ato de ingenuidade política e burrice histórica se afirmar que a Câmara Municipal do Recife cultiva o racismo ou mesmo o preconceito de forma violenta. Basta verificar os velhos jornais e conversar com os mais antigos e experientes vereadores, para se comprovar que o racismo nunca fez guarida no Legislativo recifense.

#### DO PRECONCEITO

- Os preconceitos têm mais raízes que os princípios". Esta frase, que parece soar como de algum pedante marxista (é de Maquiavel), exprime bem o que ocorre na sociedade recifense e em quase todas, ou seja, o preconceito seria uma espécie de controle social, encontrando em qualquer aglomeração humana. Apesar deste preconceito, quatro "morenos" integram a Câmara Municipal do Recife, cada um com seu es-

negro.

Edmar Lira não se faz de rogado para abordar esta questão: "Nunca sofri discriminação. Por temperamento e formação, sou uma pessoa aberta e alegre, em que pese uma constante pressão alta que me acompanha. Se sofresse discriminação, não seria vereador", argumenta. Na sua opinião, o que "há realmente é o preconceito social: quanto mais pobre uma pessoa, independente de cor, mais ela sofre. Racismo, aqui, é coisa que existe na cabeça das pessoas preconceituosas. Se tivéssemos racismo mesmo, o negro nunca seria deputado, senador, vereador, prefeito, etc. como tem ocorrido na vida política brasileira".

Vicente André Gomes, que herdou do pai a facilidade de comunicar-se, deixa claro que nunca se preocupou com esta questão. "Todos os anos sou reeleito, portanto, não tenho do que me queixar", diz ele, acompanhado de um largo sorriso. Já a líder feminista e vereadora Edna Costa, macia no falar e no gesticular, não teoriza muito, mas admite que há muito preconceito e muito atraso com relação ao progresso social da negritude.

# À margem da Lei Áurea

Barbosa Lima Sobrinho

Se a princesa Isabel pudesse ter notícia de algumas manifestações desencontradas, que vão surgindo, e que não querem festejar o centenário da Lei Áurea não sei se não ficaria sujeita a um sentimento de remorso, e talvez mesmo de arrependimento. Na verdade, com a abolição da escravatura, criara dificuldades para a permanência do trono imperial. Não poderia compreender que possíveis descendentes dos beneficiados da lei não estivessem presentes nas comemorações de seu centenário por força de restrições que a História conhece de sobra, sob o nome de anacronismo, o que seria outra coisa do que julgar os acontecimentos de antontem com os sentimentos de hoje.

Reconheço que a Lei Áurea resolveu um dos problemas do negro, mas criou dificuldades para a situação dos escravos libertados. Nem por isso diminuem os seus méritos, quando, de uma só penada, alforriou a todos eles. Um dos mais graves erros da História da humanidade seria o de interpelar o homem das cavernas pelo mau uso dos rádios de pilha.

Há que ignorar a passagem do tempo, para voltar ao momento em que se discutia e votava a Lei Áurea, quando os próprios conservadores empunhavam bandeiras que os liberais vinham defendendo, nem sempre com absoluta coerência. Era um momento em que os republicanos se dividiam, com uma corrente favorável à abolição, sob o comando impetuoso de Silva Jardim. O escravismo deixara raízes profundas, cuja extirpação reclamava esforços e campanhas árduas e demoradas. No Brasil, por exemplo, a batalha da libertação dos escravos precedera a independência, com o problema do tráfico

negreiro, que a Inglaterra já combatia, como verificara no tratado de comércio de 1810, ainda ao tempo da regência de D. João VI. A influência dos interesses da lavoura, como ainda agora presentes nos debates da Reforma Agrária, eram até maiores do que hoje num País que se declarava essencialmente agrícola.

Por maior que fosse o domínio da Inglaterra, com uma esquadra sem rivais, nos mares de todo o mundo, não conseguia superar resistências apoiadas nos lucros consideráveis no tráfico negreiro, ajudado pela crise de braços nos trabalhos do campo, com que atendeu ao cultivo dos produtos de exportação. Tenho para mim que o verdadeiro divisor de águas, para os partidos políticos da ocasião, o conservador e o liberal, não foi outro, até 1850, que o Tráfico Negreiro e posteriormente, o da abolição da escravatura. Foi a época do nacionalismo antibritânico o que acabou explodindo na questão Christie, quando o próprio imperador assumiu o comando dos sentimentos populares. Cessado o tráfico em 1850 a partir das medidas tomadas pelo Ministério de Eusébio de Queiroz, por sinal um Ministério conservador. Não demorou surgir a campanha pela abolição, sustentada pela Tribuna parlamentar, a que se associou a cooperação do jornalismo que fazia depender da abolição a própria salvação do Brasil. Nomes veneráveis, como os de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José do Patrocínio e tantos outros, estão presentes, no trabalho ininterrupto para chegar ao 13 de maio de 1888.

A Lei Áurea foi sem dúvida, um dos maiores momentos da História Brasileira, quando as resistências se reduziram a uma pequena bancada

imbuida do ideário saquarema, em que se concentrava a essência do partido conservador. Apesar da presença desse pequeno reduto, nunca se tinha visto, no Brasil, unanimidade tão compacta, como a que se formou em torno de João Alfredo, para a vitória da abolição. Dava a impressão de uma apoteose quando todos os combatentes se irmanavam em abraços comovidos, ignorados as divergências partidárias, e não raro, os problemas pessoais. O Brasil dava a impressão de uma grande família, para aclamação dos heróis daquela campanha incomparável. Viviam-se naquele instante um sentimento de euforia, que tomava conta de todos os corações, alguma coisa como se podia ignorar que para chegar à conquista da abolição da escravatura, os Estados Unidos tiveram que enfrentar uma guerra cruenta que deixara nos campos de batalha, mais de 600 mil combatentes. O que talvez acabasse valendo no Brasil, como mérito do regime parlamentar, empenhado na conquista do consenso, para a solução de todos os litígios, no apelo supremo à razão humana.

Talvez tenha parecido, aos defensores da abolição, que bastaria a liberdade dos escravos para que estivessem resolvidos os problemas. Sobretudo num momento em que todos tinham pela frente a causa dos que procuravam atenuar a abolição com a concessão de indenização aos proprietários de escravos prejudicados pelo decreto imperial, já que se sabe agora que, para impedir, de futuro, as reclamações dos prejudicados, foi que Rui Barbosa mandou destruir papéis dos arquivos públicos, mas seria injustiça admitir a presença da escravidão, depois da lei do ventre livre, assim como da liber-

tação dos sexagenários e, sobretudo, com a cessação do tráfico negreiro de 1850. Não era fácil provar a presença de escravos depois de tudo isso, levando também em conta recursos públicos, destinados a alforriar escravos, com o uso de verbas orçamentárias.

Muitos outros problemas surgiram com a abolição da escravatura. Faltou de imediato, um programa de assistência aos escravos libertados, como Lincoln imaginara nos Estados Unidos antes da Guerra da Secessão. Não há como considerar vencidas de todo tendências racistas, que são subterrâneas e tenazes. A libertação acabou como castigo para muitos escravos desamparados, e não foi bastante o direito de voto, para atenuar as situações que pareciam irremediáveis. No domínio sentimental tanto não existe o racismo que a expressão "meu negro" é manifestação de carinho, como Josué Montello lembrou numa das sessões da Academia de Letras.

Na verdade, a Lei Áurea fora como uma carta de alforria concedida acerca de 700 mil escravos, que era o número de escravos daquele momento. Mas não pagou a imensa dívida que se deve à raça negra, pela sua imensa presença na alma brasileira. Há que fazer ressurgir o espírito que ditou a Lei Áurea, para resolver problemas que ela criou, e que, tem maior importância que a simples condenação de manifestações racistas. Problemas sociais e econômicos que condenaram à miséria uma imensa população de negros e também de brancos que sonham com um salário mínimo que, com o ser menor do mundo, ainda constitui esperança de vida, para uma imensa percentagem do povo brasileiro.

# Influência dos jornais na Abolição

Edgar Lisboa

Quem se debruça sobre a história para verificar os antecedentes e as consequências da abolição da escravatura, há cem anos, percebe que os últimos quinze anos do século passado constituem um dos mais movimentados e proveitosos períodos da vida do Brasil. Foi um tempo de profundas mudanças, no campo social, na política e na economia: um ano após a abolição, tivemos a Proclamação da República.

Estas duas alterações tão profundas na vida do País só foram possíveis depois de uma luta que vinha se travando há mais de dez anos através de jornais de todo o País. De um lado, se agrupavam os conservadores, escravocratas e monarquistas, enfrentando os veículos de cunho liberal, cada vez mais numerosos e mais candentes, que reuniam os republicanos e anti-escravagistas.

Falando sobre o período, um dos mais brilhantes escritores brasileiros, Joaquim Nabuco, disse: "Cinco ações ou concursos diferentes cooperaram para o resultado final: 1ª A ação motora dos espíritos que criavam a opinião pela idéia, pela palavra, pelo sentimento e que a faziam valer por meio do parlamento, dos meetings, da imprensa, do ensino superior, do pulpito, dos tribunais".

Era um tempo de profunda inquietação no meio jornalístico. Depois do marasmo do Segundo Reinado, pelo qual se arrastava desde 1840, o País explodia em indagações de todas as naturezas. A imprensa da época tinha em suas fileiras os

mais destacados intelectuais, professores, jornalistas, escritores e políticos, que diariamente polemizavam nos artigos de fundo. Descrevendo o ambiente, diz o historiador Nelson Werneck Sodré: "Tratava-se de liquidar o escravismo, inteiramente obsoleto, obstáculo do desenvolvimento material e cultural do País, e de destruir a monarquia, que era a sua roupagem institucional. A imprensa era, por isso, abolicionista e republicana, pelos seus melhores jornais, pelos seus melhores jornalistas".

Cem anos passados, a imprensa brasileira é hoje a primeira a perguntar em dezenas de reportagens que se espalham pelos jornais de todos os recantos do País: O que representou a abolição da escravatura para os brasileiros de origem africana?

As respostas são as mais diversas possíveis. No entanto, se percebe que há um grupo muito grande de estudiosos que afirma que depois da extinção da escravatura a população negra foi incorporada nem como força produtiva nem como massa consumidora. Foi aliçada do processo de crescimento e enriquecimento do País.

Apesar dos chavões no sentido de que o Brasil é um paraíso racial, sabe-se hoje que o preconceito existe aqui, em níveis inferiores aos registrados em outros países do continente, mas existe.

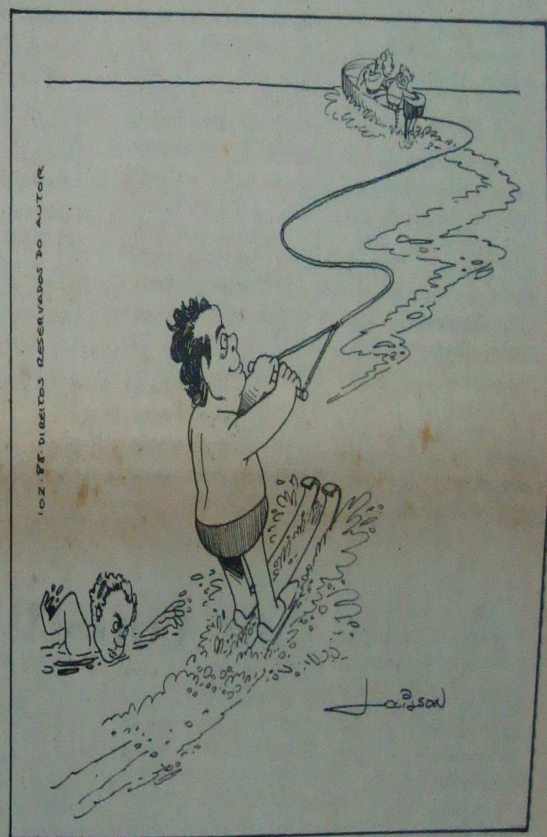
Assim, um século após a assinatura da Lei Aurea, sabemos que os afro-brasileiros, continuam em grande parte marginalizados da vida

nacional, formando entre os segmentos mais pobres da população, ocupando os empregos de pior remuneração.

Os jornais brasileiros vêm denunciando esta situação. E este é o ano ideal para este tipo de tarefa. Só teremos um grande País no momento em que todos, brasileiros de

todas as raças e origens, credos e ideologias, nos unirmos, acima das diferenças, para a construção de um futuro de bem-estar e prosperidade para nossos filhos.

Edgar Lisboa é jornalista, diretor executivo da Associação Nacional de Jornais (ANJ).





## Circuito Arte-Educação valoriza cultura negra

A Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, através da Fundarpe, promove no período de 20 de maio a 17 de junho, em escolas da rede estadual de ensino, o I Circuito Alternativo Arte-Educação com o tema "Cem anos... de quê?". O objetivo é estimular a integração das atividades artísticas com as do ensino formal nas programações da luta contra o racismo, preservando e valorizando a cultura negra.

O presidente da Fundarpe, Tarcísio Pereira, disse que o evento é oportuno, porque se comemora o ano nacional de luta contra o racismo e também por proporcionar novos espaços cênicos aos grupos artísticos e um maior conhecimento da nossa realidade pelos alunos.

Os coordenadores Carlos Varela e Cláudia Cordeiro afirmaram que o Circuito é parte integrante de uma proposta de atuação cultural efetiva que é o Projeto de Ampliação da Oferta de Espaços Cênicos. Ele está sendo executado pela Fundarpe, em conjunto com a comunidade teatral e a Secretaria de Educação.

A promoção conta também com o apoio da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Movimento Negro Unificado, Federação de Teatro Amador de Pernambuco, Movimento de Teatro Popular, Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, Centro Josué de Castro e União dos Escoteiros do Brasil - região de Pernambuco.

Para Cláudia Cordeiro, essa iniciativa objetiva atender a necessidade de sensibilizar a população, integrando-a à

comunidade artística e às manifestações culturais do Estado, dentro dos objetivos maiores de integração Arte-Educação. Pretende ainda se constituir "num marco duradouro para a valorização e preservação da cultura negra especificamente e para o incentivo e apoio às artes cênicas em nosso Estado, de forma geral".

A metodologia do projeto foi amplamente discutida pelos coordenadores, professores e grupos artísticos, disse Carlos Varela, que destacou também a importância dos debates a serem realizados com os alunos após os espetáculos.

Os coordenadores observaram ainda a identificação das diretrizes do Circuito com as que regem as atividades do Movimento de Cultura Popular, no início da década de 60. Ressalvaram, no entanto, que não se pretende reeditar o MCP, mas desenvolver um trabalho pedagógico democrático, tornando simultânea a reflexão e a ação.

### PROGRAMAÇÃO

Na próxima sexta-feira, às 19 horas, terá início a programação nas escolas Engenheiro Lauro Diniz (Ipsep), Padre Machado (Casa Amarela), Marcelino Champagnat (Tejupió), Pedro Celso (Beberibe) e Centro Interescolar Luiz Delgado - Cild (Boa Vista). Na primeira, serão apresentados os espetáculos "Avoar", peça teatral, pelo grupo Três Produções Artísticas, que resgata o passado com as cadeiras na calçada, noites de lua e brincadeiras, hoje superado pelo jugo imperioso da televisão e do processo tecnicista.

O recital "Uma Canção Sem Terra", com o grupo Poesia Falada, tra-

zando o que os mais importantes poetas brasileiros escreveram sobre a questão agrária, em forma de denúncia poético-musical e também como mensagem de esperança, está programado para a Escola Pedro Celso. "O Navio Negro", de Castro Alves, interpretado através de figuras de teatro de sombras pelo Teatroneco, será apresentado no Centro Interescolar Luiz Delgado.

Na Escola Marcelino Champagnat serão apresentados os vídeos "Os Baques do Maracatu" e "A Peleja do Bumba-Meu-Boi contra o Vampiro do Meio-dia". O primeiro enfoca a influência do maracatu na música e poesia atuais. O segundo, de Luiz Lourenço dos Santos e Pedro Araújo de Siqueira, trata das relações de produção no nível da cultura popular com as alegóricas figuras do bumba-meu-boi encarando a luta do povo contra o poder econômico internacional, representado pela figura mitológica do vampiro.

Para a Escola Padre Machado programou-se o espetáculo de dança "Marcas", com o Grupo Cênico Liberdade. Nas semanas seguintes, também serão apresentados "Liberdade Negra", peça de teatro de bonecos que mostra a história do negro no Brasil desde a sua chegada no País até a Abolição, com 36 bonecos, e o espetáculo de danças "Raízes de Quilombo", pelo grupo Lus Negra. Ele é composto por meninos da Escola Comunitária do Mirro da Conceição, com idades de 3 a 12 anos, apresentando coco-de-roda, samba-de-roda, frevo, capoeira, afoxé e maracatu.



## A festa do dia 13

Não me detenho na Abolição da Escravatura Negra porque, em nossa ótica, não houve abolição e sim, transferência de preconceito e discriminação - do racismo, passou-se ao preconceito, à discriminação sócio-econômica. Um século após a badalada Lei Aurea, entre brasileiras e brasileiros, mais vale um preto rico do que um branco pobre. A miscigenação na origem do nosso povo nos trouxe essa morenidade tão estudada pelo sociólogo Gilberto Freyre. A nossa epiderme tem a coloração de um café-com-leite aromático e gostoso. Às vezes mais café, às vezes mais leite. Entre nós, brasileiras e brasileiros, raça pura só existe entre os animais ditos inferiores. O homem brasileiro ou é um mestiço ou é um vira-lata; se mais corpulento, boi-de-corte ou boi-de-piranha. Mas esse conceito vai depender exclusivamente da sua conta bancária, de suas terras, de sua indústria.

Segundo credenciados pareceres do IBGE, o recenseamento brasileiro de 1980 mostrou que quase 45% da nossa população é composta de indivíduos de cor negra ou parda: 38,5% de pardos e 5,9% de negros. Observe-se que, antes de os portugueses "descobrirem" o Brasil no ciclo das grandes navegações (fim do Século XV), os europeus tinham por mau costume escravizar os negros da África. E aí, eram senhores dos territórios desco-

tos, isto é, as colônias. Era muito comum a escravatura entre brancos europeus na Antigüidade; haja vista a expansão Grécia e de Roma, que escravizavam os povos dominados - verdadeira escravatura branca. Trinta e dois anos após Cabral ter conhecido o Novo Mundo, o experiente Martim Afonso trouxe-nos os primeiros escravos negros. E o Brasil nasceu no Nordeste, em berço de ouro para os exploradores e em cama de lama para os explorados. Entre as duas capitânicas que mais "prosperaram" encontra-se o nosso "Paraná-puca". A partir de 1559, prosperaram sim, os engenhos de açúcar, graças à população escrava importada. Foi a Guiné Portuguesa que, despreziosamente, alimentou esse nefasto progresso. A capitania de Pernambuco prosperou graças à desumanidade. Leiam o "Navio Negreiro" do menino-homem Castro Alves e conheçam a Serra Leoa! Esses pobres coitados, apesar de sua rudimentar cultura, já tinham assimilado os costumes árabes. Um exemplo que, ainda hoje se perpetua entre nós, é o uso do turbante principalmente entre as negras baianas.

A língua banto predominou entre nós, nordestinos, fixando-se nas plantações de cana-de-açúcar e de fumo. Foram fontes da nossa riqueza: Angola e Congo. Aquele "Navio Negreiro" era cognominado pelos mercadores de seres humanos de "navio tumbeiro". Ali, naquele lúgubre transporte, muitos morriam - era a tumba, a cova funda do mar. E no Brasil do Século XX, compram-se máquinas e alugam-se homens. - Lamartine Moraes - Olinda

para o exterior, cogna também o rum, cuja base da cana-de-açúcar. A quem não é nova, como em seu importante livro "Cronistória de atividades profissionais", J. Brito P. Passos, recém falecido. Técnico da

bley, em Nova Orleans, onde se encontrava, o esquema para a fabricação da bebida, além de informações completas por escrito, "mediante pagamento módico". Teci várias considerações de ordem técnica sobre o assunto, inclusive sobre a "cura" ou envelhecimento, que "é, talvez, a

## Estátua de Nabuco



Em edição do dia 6 de fevereiro último, o "DIÁRIO DE RNAMBUCO" publicou uma reportagem sobre o estado de conservação da estátua de Joaquim Nabuco, erigida na praça do mesmo nome, nesta cidade. Falava-se em possíveis depreciações a que teria sido submetido o monumento grande líder da abolição. Uma foto da estátua ilustrava a ortagem, com a figura do escravo (principal figura do momento, depois da de Nabuco) com o terço inferior do corpo mutilado, restando-lhe somente o tóco. Na verdade, a mutilação não resultou de nenhuma proposital depreciação. O jornalista Everardo Vasconcelos, já falecido, em seu pequeno livro, hoje raro, intitulado *Recife, Cidade Sem Monumentos*, edição de 1954, "conta o caso como o caso". Construída com subscrição pública, a estátua, de autoria, segundo Everardo, do escultor espanhol Pedro Mayor (retos atribuem a autoria do monumento ao escultor João Anta Isabel, pois fora ali que Nabuco proferira a célebre frase: "Ganhamos aqui a causa da abolição"). Segundo ainda Everardo, o braço direito de Nabuco, na fase da construção do monumento, "largou do conjunto da estátua" antes da instalação. Reconstituído o elemento danificado (a reparação, quando meu depoimento, teria sido feita por Bibiano Silva), liberou-se colocar o monumento na antiga Praça da Condição, onde hoje se encontra. E a praça tomou o nome, então, de Praça Joaquim Nabuco. O acidente com o braço da estátua do nascimento de Nabuco, em 1943, ocasião em que a Prefeitura do Recife mandou proceder a uma limpeza do monumento, sendo utilizados materiais que comprometem os ingredientes. Com isso, em pouco tempo, houve o que se poderia esperar, a danificação de parte do corpo da figura do escravo, justamente por ser um elemento solto da estátua. Lembra-me que eu e Mário Melo, então deputados estaduais, condenamos o processo de limpeza usado pelos burocratas da Prefeitura.

O monumento a Nabuco foi inaugurado no dia 28 de setembro de 1915, sendo governador do Estado o general Danes Barreto e prefeito da cidade o dr. Eucloro Correia. O dia 28 de setembro lembrava a promulgação da Lei do Ventre Livre (projeto Rio Branco) e a Lei Senzala (projeto Saraiva e Cotegipe), de 1871 e 1885, respectivamente. Rubem Francisco considera a estátua a mais bela obra de arte em uma obra do tempo, nem de depreciações, como dizia a reportagem do DIÁRIO. Foi obra de incompetência, tão-somente. Paulo Cavalcanti - Recife

## A festa do dia 13

Não me detenho na Abolição da Escravatura Negra porque, em nossa ótica, não houve abolição e sim, transferência de preconceito e discriminação - de racismo, passou-se ao preconceito, à discriminação sócio-econômica. Um século após a badalada Lei Áurea, entre brasileiros e brasileiros, mais vale um preto rico do que um branco pobre. A miscigenação na origem do nosso povo nos trouxe essa morenidade tão estudada pelo sociólogo Gilberto Freyre. A nossa epiderme tem a coloração de um café-com-leite aromático e gostoso. As vezes mais café, às vezes mais leite. Entre nós, brasileiros e brasileiros, raça pura só existe entre os animais ditos inferiores. O homem brasileiro ou é um mestiço ou é um vira-lata; se mais corpulento, boi-de-corte ou boi-de-piranha. Mas esse conceito vai depender exclusivamente da sua conta bancária, de suas terras, de sua indústria.

Segundo credenciados pareceres do IBGE, o recenseamento brasileiro de 1980 mostrou que quase 45% da nossa população é composta de indivíduos de cor negra ou parda: 38,5% de pardos e 5,9% de negros. Observe-se que, antes de os portugueses "descobrirem" o Brasil no ciclo das grandes navegações (fim do Século XV), os europeus tinham por mau costume escravizar os negros da África. E aí, eram senhores dos territórios descobertos, isto é, as colônias. Era muito comum a escravatura entre brancos europeus na Antiguidade; haja vista a expansão Grécia e de Roma, que escravizavam os povos dominados - verdadeira escravatura branca. Trinta e dois anos após Cabral ter conhecido o Novo Mundo, o experiente Martim Afonso trouxe-nos os primeiros escravos negros. E o Brasil nasceu no Nordeste, em berço de ouro para os exploradores e em cama de lama para os explorados. Entre as duas capitânias que mais "prosperaram" encontra-se o nosso "Paraná-puca". A partir de 1559, prosperaram sim, os engenhos de açúcar, graças à população escrava importada. Foi a Guiné Portuguesa que, despreziosamente, alimentou esse nefasto progresso. A capitania de Pernambuco prosperou graças à desumanidade. Leiam o "Navio Negro" do menino-homem Castro Alves e conheçam a Serra Leoa! Esses pobres coitados, apesar de sua rudimentar cultura, já tinham assimilado os costumes árabes. Um exemplo que, ainda hoje se perpetua entre nós, é o uso do turbante principalmente entre as negras baianas.

A língua banto predominou entre nós, nordestinos, fixando-se nas plantações de cana-de-açúcar e de fumo. Foram fontes da nossa riqueza: Angola e Congo. Aquela "Navio Negro" era cognominado pelos mercados de seres humanos de "navio tumbreiro". Ali, naquele lugubre transporte, muitos morriam - era a tumba, a cova funda do mar. E no Brasil do Século XX, compram-se máquinas e alugam-se homens. - Lamartine Moraes - Olinda

Para não perder o embalo, o esqueneiro lembra aquele desafio de dois violeiros sobre o Dogma da Imaculada Conceição, quando o mais afoito resolveu derrubar Zacarias, o seu contendor:

- Agarrei-te, Zacaria, Agarrei-te na esparrela./Como é que a Virgem Maria,/Deu a luz e ficou donzela?

Sem dar tempo ao contendor, Zacarias respondeu com a sua sabedoria popular:

- Tal como sol na vidraça/Transpassa sem furar ela,/Assim a Virgem Maria,/Deu a luz e ficou donzela.

## Mercadoria impossível

Dentro daquela norma popular de "quem quer vai, quem não quer manda", a esqueneira Iraci Alves da Costa, também freqüentadora desse encontro de ruas, nos manda algumas recordações do seu tempo de juventude no bucólico bairro de São José.

Lembra o tempo em que morava na Rua Direita, nas imediações do Cine Glória, ao tempo em que os filmes e séries de far-west, estrelados por Rocky Lane, Roy Rogers e Buck Jones, tomavam o lugar das novelas. Casa grande, oito quartos, dois salões, família numerosa, tendo na sala da frente a Alfaiataria da Época, dirigida por seu pai e irmãos, tudo acontecia com aquelas tintas com as quais Mário Sette soube pintar a vida social do velho bairro.

Bons tempos, diriam os mais velhos. Mas dá para sentir a força das serenatas com Augusto Calheiros, Claudionor Germano, Paulo Molin, José Auriz, Milton Rodrigues, que enchiam de alegrias o sobradão da Rua Direita.

Mas lembra a nossa freqüentadora de alguns tipos populares, que fazendo parte da criação, dá para causar sorrisos ainda em nossos dias.

Recorda, inicialmente, a cabocla Berenice, que nos seus 16 anos despertava as atenções dos gamenhos de então pela forma escultural do seu corpo. Mas, como a "Aurora" do samba carioca, era burra de fazer dó.

Certa vez, indo fazer um mandado no Pátio do Mercado, onde iria comprar alguns caramelos para as moças da casa, a cabocla perdeu-se entre os tabuleiros. Sentindo a sua falta, a patroa mandou-a buscar por outro criado que, após muito procurar pelas ruas estreitas do bairro de São José, finalmente a encontrou numa venda pedindo um produto completamente desconhecido pelo português proprietário:

- É, patroa... (tentava uma explicação). Dona Iraci me pediu para eu comprar, no tabuleiro da frente do Cinema Glória, alguns confeitos, chocolates, chicletes e etcetera... Acredite a senhora que o resto das coisas eu encontrei, mas esse tal de etc-e-te-ra já procurei até nas lojas de miudezas da Rua do Rangel, nas de ferragem da Rua da Praia e nas de peças de automóvel da Rua da Concórdia, mas não encontrei não senhora!

Certa vez o seu irmão Erasmo esteve com uma tosse braba, que mais parecia uma pneumonia. A boa mãe fez um lambdador e o mano, desejando tomar a primeira dose, solicitou do empregado Aprigio uma colher-de-sopa.

O criado encantou-se no tempo. Desapareceu lá nos fundos da casa e não mais voltou à sala da frente. Por mais de meia hora foi a bendita colher esperada.

Finalmente, surge o Aprigio no corredor queimando-se todo a cada pinga que caia da colher. Erasmo esbrabejando indagou:

- O que diabo foi isso, homem? Pra pegar uma colher carece dessa demora toda? Parece que você carrega as pernas no bolso?

Resignado, respondeu o Aprigio:

- Mas, seu Erasmo, o senhor mandou pegar uma "colher-de-sopa". Foi uma luta, pois na cozinha só encontrei a colher... Demorei porque estava esperando que a sopa ficasse pronta e bem quente.

Abolição: 100 anos

## Militantes questionam: o negro é realmente livre?

m:  
ce?

Liberto,  
o negro  
continuou  
a ter funções  
servis.  
(Ama de leite  
com Criança,  
foto da  
Coleção  
Francisco  
Rodrigues,  
pertencente  
à Fototeca  
da Fundaj)



## Fernanda d'Oliveira

Os movimentos negros são antigos no Brasil. Porém, uma maior organização surgiu com a criação, em 1978, do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, em São Paulo, e foi baseado nas escadarias do Teatro Municipal. O que ocorreu intelectuais negros paulistas e de outros Estados. A sua formação foi a não aceitação de quatro atletas negros do Clube Regatas Tietê, nas próprias dependências do clube fora do horário de treinamento, e a atitude do trabalhador negro, Robson Silveira da Luz, na festa sindical, em São Paulo, cujo processo dura até hoje, sem soluções reais.

Entre os anos de 1978/79, o Brasil viveu o efervescência do movimento das oprimidos, como negros, índios, homossexuais e mulheres. Silvio Ferreira, psicanalista, pesquisador social e professor universitário, foi uma das origens dos movimentos negros, inclusive em Pernambuco. Autor do livro "A Questão Racial no Recife - a Necessidade e os Impasses de uma Ação Política Organizada" e primeiro presidente do Cecerne - Centro de Cultura e Emancipação do Negro - Silvio já realizou inúmeras palestras no Brasil e no Exterior, sobre a temática do negro.

Em Pernambuco - diz ele - o movimento negro surgiu em 1973, quando um grupo de intelectuais pernambucanos negros reuniu-se para promover a cultura negra e também combater o preconceito do racismo através de um movimento organizado. Ainda nesse ano, o grupo promoveu a Semana da Consciência negra, que foi o embrião da entidade que viria ser criada posteriormente, denominada Cecerne. No dia 13 de maio de 1980, o Cecerne deu posse à sua primeira diretoria, dando continuidade aos trabalhos já desenvolvidos: reuniões semanais para avaliação e discussão dos problemas do negro no Brasil, avaliação da cultura de origem africana e o tratamento dispensado a ela pela sociedade."

### ESSENCIÕES

Logo cedo, diversas contradições se fizeram presentes no Cecerne, contradições que eram reflexos, segundo Silvio Ferreira, da pulverização dos partidos políticos existentes na época, e de contradições da sociedade brasileira como um todo. "Na verdade, a entidade não sendo uma organização político-partidária, não é fácil conciliar os interesses políticos ou preferências variadas dos seus membros pelas diversas esferas partidárias emergentes. Por outro lado, parte significativa dos membros do Cecerne, no afã de valorização da cultura africana, não foi capaz de assimilar a inclinação ou manifestação de religiosidade de alguns participantes do grupo, que demonstravam inclinação preferencial por outras religiões que não o Xangô e a Umbanda."



Paleto, gravata, chapéu. E os pés descalços. Um retrato do negro brasileiro?

Esses conflitos foram aumentando e atingiram o ponto máximo quando da passagem, pelo Recife, do escritor e militante negro Abdias do Nascimento, que veio lançar seu livro **O Quilombismo** (editora Vozes). Na opinião de Silvio Ferreira, Abdias do Nascimento estimulou o radicalismo que já existia, expresso no comportamento de vários membros do Cerece, como a criação de um Estado negro, por exemplo. "A desastrosa passagem de Abdias do Nascimento pelo Recife acabou separando o movimento negro em duas frentes ou facções.

A primeira corrente via a necessidade de luta do negro inserir-se dentro do contexto geral da sociedade brasileira, por igualdade. A outra facção achava que a luta do negro deveria ser autônoma e tratada como um problema isolado. A primeira, a segunda facção, majoritária dentro do grupo, fez prevalecer as suas ideias, estimuladas, para isso, pelo trabalho de Abdias do Nascimento nos bastidores, o que obrigou as pessoas, que afinal estavam com a primeira facção, a se afastarem do Cerece. Inclusive o próprio Silvio Ferreira, que era o presidente, e quase toda a sua diretoria. "A entidade - explica o Sr. Ferreira - em face dos ressentimentos e dissensões por parte dos seus membros com o radicalismo assumido pelo grupo dissidente, se desestruturou. Foi nesse quadro que surgiu o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial em Pernambuco, verdadeiramente uma nova braço do MNU nacional.

### PROGRESSOS

Posteriormente, em 1982, o Cerece conseguiu a se estruturar quando da realização do III Congresso Afro-Brasileiro, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco. Na sequência, a sua nova diretoria tomou posse, tendo como presidente o jornalista Paulo Vianna, falecido ano passado. Atualmente, o Cerece e o MNU funcionam na alívia. O Cerece, inclusive, constituiu, por estes dias, a sua terceira diretoria. Segundo informação de Silvio Ferreira, terá à frente o bacharel em Direito e funcionário público, Pedro Nepomuceno Duarte, sócio-fundador da entidade.

Hoje, 100 anos da abolição da escravidão, a visão moderada e particular de Silvio Ferreira, a data deve servir para reflexão, como toda e qualquer data histórica que diga respeito a mudança social significativa em termos de estrutura da sociedade, e que diz respeito ao bem de milhões de vidas. Silvio chama atenção para a falta de um projeto social amplo e claro, concernente aos ex-escravos e à sua devida inserção na sociedade das classes emergentes. "A falta deste projeto, aliás, já se constituía num alerta para a preocupação por parte de Joaquim Nabuco.

Quando se critica que têm sido feitas apontamentos em relação a validade do projeto de que a abolição é uma mentira, estatísticas parecem a Silvio Ferreira, baseadas e apoiadas e pouco condizentes com a realidade dos fatos históricos. "A ideia da escravatura no Brasil, quer tenha ou não, ocorreu no dia 13 de maio de 1500 E, para tal, não se contrariou a pressão dos ingleses contra o tráfico negreiro e a própria escravidão em si, mas a luta travada no Parlamento inglês, a mobilização de milhares de escravizados em Londres e a pressão exercida pelo Parlamento inglês, mediante a criação de denúncias públicas, como o Caso do Casimiro, quando se viu a própria luta das mulheres por seus filhos, mais do que não, a pressão exercida pelos ingleses em Londres. Negar o dia de maio, negando, portanto, a existência tanto o sofrimento da escravidão quanto a luta dos negros, é uma afronta aos fatos e ao projeto de liberdade.

Opinião semelhante tem Pedro Nepomuceno Duarte, quando analisa a validade da data: "O Pessoal negro do MNU e de outros grupos mais radicais, que têm todo o meu respeito e admiração pelas lutas, não têm estudos mais aprofundados sobre o 13 de maio. Acho que, apesar da necessidade da sociedade escravagista ter feito o 13 de maio com pressões externas e internas, é um ato e fato jurídico. Se ele não houvesse, haveria espaço para os negros. O ato da Princesa Isabel não foi magnânimo, mas não dá para negá-lo. O 13 de maio foi positivo, pois legalizou a abolição. Houve o fato e isto é importante".

Para Pedro Nepomuceno, a abolição não deu ao negro estrutura econômica para que ele existisse, mas o negro deixou de ser escravo. "Se nós trouxermos a luta do negro para os dias de hoje, ela continua, antes de tudo, uma luta política. Mas, para o negro baiano é diferente: é muito mais artística. Ele está preocupado com o folclore, que é importante, porém menos que a luta política. Claro que é importante a manutenção do folclore. Porém, muito mais é a luta política."

### PRECONCEITO

A partir de 1980, Pedro Nepomuceno passou a ser ativista. E daquele tempo para cá, percebeu um progresso psicoló-

gico no negro recifense. "A juventude que formou, posteriormente, o MNU, era acanhada; hoje, perdeu a inibição. E fala muito bem da sua proposta, que é a mesma de Stove Biko: de que o negro deve se orgulhar da sua cor, do seu folclore e da sua cultura. A proposta do Cacerne é a mesma, mas que esta conscientização venha de forma graduada. Além disso, a entidade mostra que o negro é tão discriminado quanto uma pessoa pobre. Isto quer dizer que o nosso grupo é menos radical".

Moderado, mas não inconsciente, ele percebe que o preconceito racial continua existindo. "Algumas vezes este preconceito me bateu de forma contundente, embora eu tenha tido uma infância sem problemas, neste aspecto. Aos 30 anos, contudo, formado em Direito, senti o preconceito no trabalho. Por conta do meu curso superior, sempre presidi comissões de inquerito no meu trabalho e lembro que fui preterido numa por um branco, de nível intelectual inferior, porque ela não se realizaria no Recife, mas em Fernando de Noronha. E senti que o problema era tão somente a minha cor negra".

### MULHERES

Laurinete Teles de Santana é pediatra, participante de grupos negros, mas não filiada a qualquer um deles. Irene de

Souza é enfermeira e simpatizante do MNU. As duas afirmam que dentro do Movimento Negro Unificado há um grupo de mulheres negras, com força muito grande e participação em pé de igualdade com os homens. A luta é a mesma, sem separação de sexo. "O MNU - afirma Irene - luta contra a discriminação racial e melhores condições do negro no Brasil. O movimento tem feito um trabalho de conscientização dos direitos de igualdade e denúncias contra a violência em relação aos negros".

Para ela, perguntar se quem vem primeiro é o preconceito racial ou social, é a mesma coisa que querer saber se quem nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha. "O dinheiro do Pelé, que é um capitalista, transforma-o numa pessoa branca. Mas esta questão dá para analisar. O preconceito é, primeiro, racial, e depois social. Sou enfermeira-chefe de um hospital e, muitas vezes, as pessoas me perguntam quem é o chefe, com um certo tom de voz quando digo que sou eu, até a voz das pessoas mudam; para melhor. "Laurinete sabe que, antigamente, antes da formação de grupos, o preconceito era muito pior. "A partir daí tomamos espaço e o preconceito, hoje, embora continue, porque antigamente era camuflado, hoje não tem mais a máscara. Eu mesma me escondia nesta camuflagem; alisava o cabelo. Agora, eu me orgulho de ser negra. O MNU chama a atenção para a nossa negritude e o orgulho que devemos ter dela".

"Nós ingerimos muita coisa dos Estados Unidos sem questionar. Mas o movimento black power foi revolucionário - comenta Irene - e de valorização da raça". Ela ressalta que em qualquer canto que se vá, nos livros de História e nas Embaixadas, afirma-se que não há discriminação racial no Brasil. Irene esteve nos Estados Unidos e percebeu que o preconceito racial não é menor ou maior que aqui. "Fiquei lá algum tempo, inscrevi-me em algumas agências de emprego e escolhiam, primeiro, as brancas. Fui, depois, trabalhar como manequim, mas precisei da interferência de outras pessoas. O que o Brasil tem é discurso. E é este discurso que ele mostra aqui e leva para fora do País. Só sente a discriminação quem é negro. A discriminação, aqui, é sutil, já que existe a Lei Afonso Arinos, mesmo que ninguém a respeite. E se não houvesse a discriminação, não seria necessária esta lei".

Laurinete Teles também já sentiu de perto o preconceito: "Não sou empregada doméstica, mas uma vez, quando estive num prédio de apartamentos, o zelador me mandou ir pelo elevador de serviço. Isto é: se for branca, madame; se for negra é empregada. O preconceito continua existindo, e nós vamos continuar lutando contra ele. Mesmo hoje, quando se comemoram os 100 anos da abolição.

#### ORIGENS

Ligado ao MNU desde 1979, Marcos



Pereira, bancário, fala das origens do movimento, que teve o seu embrião no Movimento Negro do Recife. O MNU surgiu em 1978, em São Paulo, e um ano depois ele aconteceu no Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. Entre os anos de 1981 e 1983, ele também se organizou nos Estados de Pernambuco, Goiás, Rio Grande do Sul e no Distrito Federal. "A proposta inicial do MNU - informa - foi a de aglutinar os segmentos organizados numa única frente, de maneira planejada, e ver como a discriminação se processa no Brasil. Tivemos progressos imediatos, como a inserção de discussão da discriminação racial em todos os segmentos, inclusive pela Imprensa".

Na opinião de Marcos Pereira, outras entidades achavam que a luta dos negros iria dividir a luta dos oprimidos como um todo. Mas na ótica do MNU, ela contribui para o processo de transformação. "Organizar a população afro-brasileira, dentro de uma perspectiva de transformação, considerando as diferenças de civilização, é fundamental. A sociedade brasileira é negra; nós somos a sociedade; não contribuímos para ela. Historicamente, o branco era o explorador; o índio foi assassinado e o negro resistiu, pela quantidade dos negros que existiam, na época, e pela sua própria cultura de resistência".

Fala-se do embranquecimento da população brasileira, porém Marcos Pereira não acredita nisso. "A elaboração dos livros de sociologia e antropologia foi feita por brancos. Esse embranquecimento é teórico; miscigenação existe em todo canto. Temos que ver que a que marca a população brasileira não é a cor da pele. Gilberto Freyre só viveu na Casa Grande e pesquisou até nos Estados Unidos e é tido pela cultura oficial como o maior estudioso do negro. O Brasil não tem apenas valores da civilização africana, como o Bumba-meu-boi, Candomblé, Maracatu e Samba. O negro é Brasil. Não contribuiu para o Brasil. No Norte, 77% da população são miscigenados e no Nordeste, 75%".

## QUILOMBOS

Marcos não aceita a data de hoje como o centenário da abolição e sim, da Lei Áurea. "Isto porque nem de fato nem de direito existiu o fim da escravidão no Brasil. A abolição pressupôs a entrada do negro no mercado livre e isto não aconteceu. O processo abolicionista, como um todo, foi alheio ao negro, concedido pelas elites e levado a cabo por elas. Houve, inclusive, várias pressões inglesas, no sentido de acabar com a escravidão pois queriam mais consumidores para os seus produtos industrializados. Os negros foram os precursores da reforma agrária, com a criação dos quilombos, fazendo um comércio local. Isto significaria progresso e os brancos acabaram com os quilombos. O processo abolicionista os reprimiu".

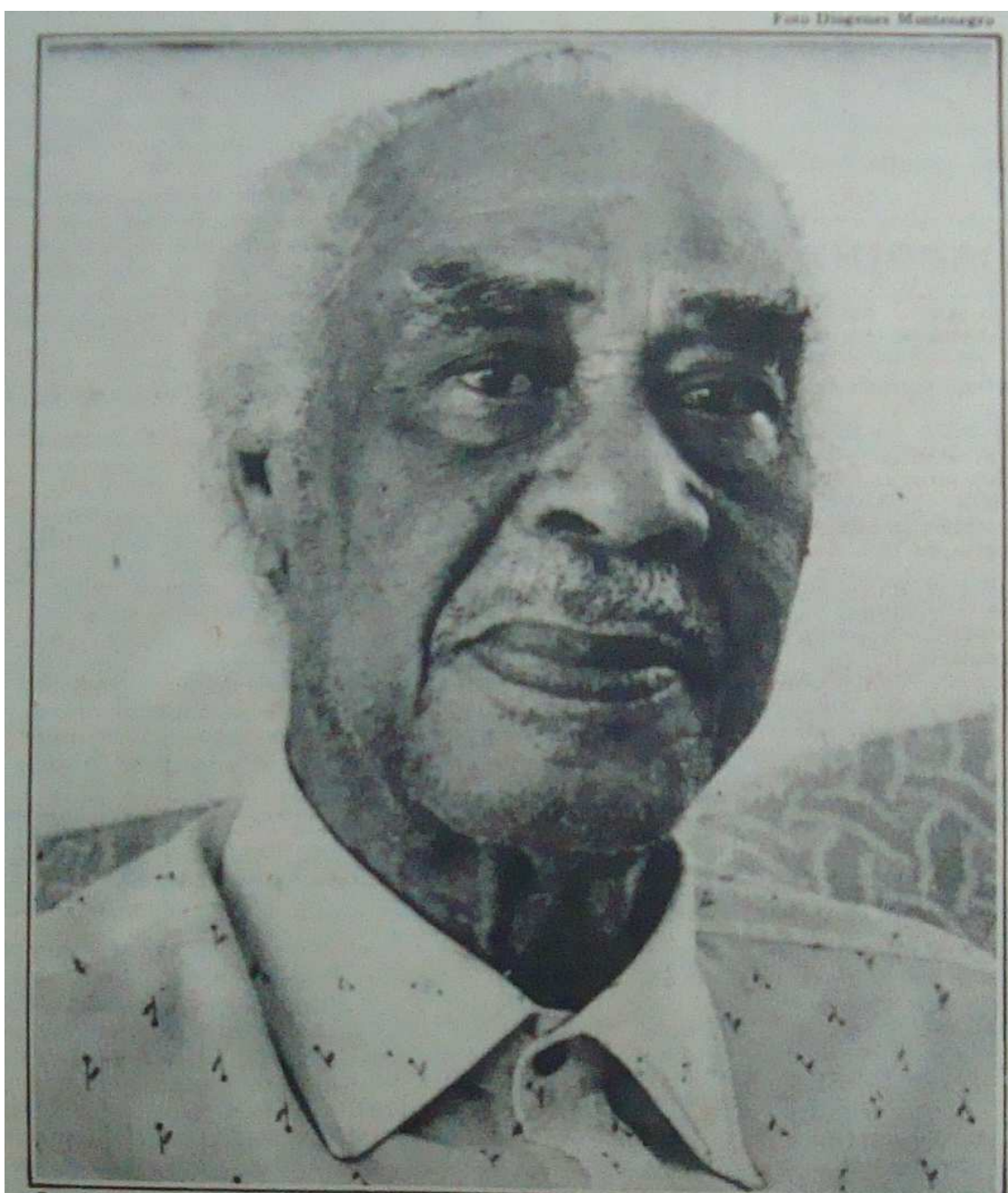
Para ele, todas as leis abolicionistas foram cusustistas e genocidas: sexagenário, ventre livre e Áurea. Esta última não previu como o negro iria se integrar na sociedade. "A data seria válida se as elites tivessem tido a preocupação da integração. Foi sugerida uma lei cedendo pequenos lotes de terras para os negros, para que começassem uma vida livre; mas os abolicionistas votaram contra. Na história da Guerra do Paraguai, a população negra foi lutar sem armas e foi dizimada em 60%. Rui Barbosa, tido como um grande abolicionista, tinha profundas articulações com o imperialismo inglês. Por pouco ele não fazia seus próprios discursos em inglês. Em 1889, a República, que foi um golpe militar, não teve preocupações com o negro, incentivou a imigração de japoneses, alemães e eslavos e criou leis contra a vadiagem. Onde ficava o negro?"

Marcos Pereira vê que a Lei Áurea acabou com a escravidão institucional, mas a liberdade se estava conquistando, criando quilombos. E a lei faz regressar. "Se estes quilombos tivessem continuado a situação do negro, hoje, seria outra. A lei só beneficiou 0,5% da população negra. Era um projeto de salvação nacional das classes dirigentes. O processo de abolição não tem validade. Se falamos dele é para mostrar a mesma luta, as conquistas reais. Vários segmentos da sociedade, inclusive outros entidades negras, não conseguiram radicalizar. Assumiram isto ou são radical e ter independentes suficientes para ter uma visão crítica das coisas".

Atualmente, o MNU, vem desenvolvendo um projeto de realização do VII Encontro de Negros de Norte-Nordeste, que acontecerá nos dias 29, 30 e 31 de maio, no Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco, cujo tema central será o negro e a educação. O encontro tem como objetivo estabelecer como se processou a educação brasileira em relação a uma sociedade não a brancas, propostas para a educação de crianças brasileiras educadas, em relação a sua realidade. Também terão debates sobre a questão de escolas oficiais - Qual é Marcos Pereira - sintetizando porque toda educação como, marcada a 150 anos da abolição. Mas a maior preocupação sua realidade, e ser urgente trazer melhor conhecimento de todos os segmentos de se ligarem a mesma luta e a mesma verdade.

Abolição: 100 anos

# José Vicente, da Frente Negra: o importante foi resistir



José Vicente Lima foi um dos fundadores da Frente Negra de Pernambuco

## Graça Gouveia

Eles foram pioneiros dos movimentos negros, no Recife. Formaram, em 1936, a partir de um grupo de cinco pessoas, a Frente Negra de Pernambuco. Mas, ficaram eclipsados pela chegada dos movimentos negros da década de 60, que pareciam trazer o inabalável, a luta inédita através de seus slogans de guerra "black is beautiful", ou do nome de alguns de seus grupos, como "Black Power".

Este é um dos aspectos analisados pelo economista José Vicente Lima, há anos, um dos fundadores (juntamente com Solano Trindade, Gerson Monteiro de Lima, José Melo de Albuquerque e Miguel Barros) da Frente, ao falar deste movimento que, se não foi atordado aos quatro ventos pela mídia eletrônica, inexistente na época, mostrou, ao menos, que jazia ainda no sentimento de alguns negros, a garra dos quilombos.

Numa época em que o ideário branco campeava a superioridade da raça branca era pensamento aceito por muitos - brancos, mestiços e negros, não deixou de ser um marco, levantarem-se alguns, ainda que poucos, para lutar pelo que, na época, lhes parecia o objetivo maior: redimir o negro da condição de semi-escravo, sem acesso aos meios de progresso e ascensão social e econômica, ou seja, sem chances de escolaridade, de ir à universidade e, por decorrência, sem lugar no mercado de trabalho qualificado.

## PRECONCEITO

Nesta tentativa de redenção do negro, partiu a Frente para fazer um levantamento sobre a presença do negro nas profissões liberais. E constatou o óbvio: numa turma de 100 ou mais médicos, quando muito existiam um ou dois negros nas fotos de formatura. E a proporcionalidade valia para profissões de status reconhecido, ou em desenvolvimento.

Mas José Vicente constatou outros aspectos mais difíceis da relação negro/branco no contexto social. Quem ultrapassava as barreiras econômicas, cursava faculdade, construía um patrimônio profissional, esbarrava numa outra porta: o de não se assumir como negro, não aceitar sequer falar no assunto. Foi esta uma das lições que ele aprendeu, viajando a Maceió, para divulgar o livro *Xangô*, de sua autoria. "Lá conheci dois negros que tinham se projetado social e profissionalmente. Um, o dr. Rodrigues de Melo, primeiro promotor público da capital, que discutia a condição de discriminação racial e outros temas. O outro, um dentista conhecido como dr. Moeda, não admitia que se tocasse no assunto. Era o exemplo da barreira maior: quando a gente não se reconhece como negro, estamos formando na frente dos brancos".

E assumir a ideologia dos brancos, passando a sentir a cor da pele como um defeito, ou "culpa" inerente à sua condição racial, é um processo quase que automático, principalmente para a criança ou adolescente negro de classe média ou média alta: "Afinal, quando o negro está nas favelas, nos cortiços, na condição de semi-escravo, junto com outros brancos, ele é pouco discriminado. Ninguém alega a um servente ou a uma empregada doméstica sua condição racial: nem vizinhos de uma favela impedem seus filhos de namorarem ou casarem com negros. Mas quando o negro ascende, através dos estudos, ou porque tem família economicamente bem colocada, a uma profissão de **status**, aí ele sabe e sente o que é preconceito".

#### MACACO EM LATIM

Falando de experiência própria, logicamente, José Vicente Lima, filho de um carpinteiro (Inácio Rodrigues de

Lima) e de uma professora primária (Apolinária Tranquelina de Oliveira), teve todo o apoio da família para prosseguir nos estudos e lutar para ser engenheiro. Mas já nos tempos do Ginásio Pernambucano, recebia incentivo do seu diretor Pedro Celso de Uchoa Cavalcanti para não se deixar abater com as "brincadeiras" dos colegas e persistir nos estudos. É que a menina não deixava por menos, e expressava o preconceito vigente com tintas e letras completas apelidando-o de "macaco" e até declinando o maltrato em latim "macacus, macaquinhos, macacolum".

"Foi traumatizante. Mas venci isto também". E ele entende por vencer, exatamente o fato de ter encontrado na profissão a que chegou, por acaso, uma realização muito grande. Degrau a degrau, como contador e economista, fez todo um caminho passando pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde fundou a Conta-

bilidade e ficou ali 27 anos; como chefe do Conselho Coordenador do Abastecimento, durante a gestão de Jyscelino Kubitscheck; como presidente da Coap-Comissão de Abastecimento de Preços, que antecedeu à Sunab, como assessor da presidência da Federação do Comércio de Pernambuco; e como economista contratado pelo BNDES para estudos no vale do Ceará; além de ocupar também a liderança de órgãos classistas de suas duas profissões.

### REVISÃO

Por toda a sua luta, no contexto cultural em que viveu sua juventude, José Vicente Lima não poderia deixar de cometer um engano, nos primórdios da Frente Negra de Pernambuco. Na época condenava a prática de xangôs e macumbas pelos negros, influenciado pela idéia corrente entre brancos de que estes ritos eram coisa de gatinha, e também movido pelo desejo de projetar numa atividade e num futuro melhor seus irmãos de cor. Hoje reconhece que são exatamente estes ritos, juntamente com tantas outras manifestações culturais, que permitem a sobrevivência do negro - mesmo mestiçado com brancos e índios - brasileiro enquanto raça.

Na comemoração dos 50 anos da criação da Frente Negra de Pernambuco (criada com base em idênticos movimentos existentes na época em São Paulo e Pelotas), José Vicente Lima colocou bem claro, em discursos feitos, a sua proposta ao se iniciar na luta em que se empenha desde a juventude, principalmente quando prefacia o livro *Palmares, Tróia Negra* de Humberto Gibson:

- Os espartanos massacrados no desfiladeiro das Termópilas, deixaram para seus pósteros: "Viadante, vai dizer a Espartas que nós aqui morremos em obediência às suas leis". Os palmarinos de Zumbi, massacrados nos desfiladeiros da Serra da Barriga e trucidados na República Negra, deixaram para os que vieram depois: "Antes o suicídio de suas mulheres e seus filhos do que a volta ao cativo". "Presumimos que também tivessem nos mandado dizer: "Aqui morremos lutando pela nossa liberdade também pela dos que virão nos suceder". O jovem historiador Gibson termina sua história dos Quilombos dos Palmares dizendo: "A história não precisa forjar heróis equivocados para o povo negro. Se quiser os heróis, basta levantar o pesado manto da noite palmarina. Eles estão lá. Tanto eu como Gibson, descendemos de uma família de agricultores negros do Mituaçu dos Creoulos, localizado nos vales do rio Gramame, no estado da Paraíba, que emigrou no passado, uma das suas raízes para Pernambuco. Somente podemos dizer: recebemos o recado".

E ao que tudo indica, deram conta da incumbência.

# Danças populares

Resgatar e promover a manutenção das danças folclóricas brasileiras é o objetivo do Curso de Danças Populares que serão promovidos pelo Instituto de Assuntos Culturais/ Centro Cultural Mauro Mota, da Fundação Joaquim Nabuco, tendo como professor e instrutor Ubiracy Ferreira, diretor do Balé de Cultura Negra do Recife.

As pessoas interessadas – principalmente professores de Educação Artística, devem fazer suas inscrições no período de 15 de maio a 7 de junho (primeira turma) e de 15 de agosto a 1º de setembro (segunda turma), no Inac – Rua Henrique Dias, 609, Derby, Fone: 222-3266, ramal 38.

# Freyre lamenta o atraso para a integração racial

Na inauguração de um ciclo de conferência sobre a Abolição de Escravatura, ontem, o presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Fernando de Mello Freyre, lamentou, no auditório do Conselho Estadual de Cultura, a data 13 de maio, por não ter sucedido o projeto do abolicionista Joaquim Nabuco, de integração imediata ao escravo na sociedade brasileira, através do preparo para o trabalho livre, em vários setores, nos quais teria tido expressão não só sua inteligência e capacidade técnica, como a cívica, para ativo desempenho de atividade de pleno cidadão brasileiro.

Disse ele que, “na República de 89 faltou um continuador de Joaquim Nabuco. À medida em que avançava a cam-

panha abolicionista, afirmava Nabuco, como atestam seus pronunciamentos parlamentares, a convicção de que a abolição do trabalho escravo, por si mesmo, seria insuficiente para dar ao escravo condições de vida e de trabalho dignas de um ser humano”.

Ressaltou ainda que, na sessão da Câmara de 15 de novembro de 1888, o deputado Joaquim Nabuco, referindo-se ao escravo, argumentava: “A questão é que essa raça ainda não tem as garantias necessárias para o homem livre trabalhar. Se há queixas de que o negro é vadio, de que é ladrão, vagabundo, pergunta-se: qual foi a raça no mundo que jamais aprendeu a respeitar a propriedade senão pela educação que recebeu nessa propriedade?”.

Em conferência su-

bordinada ao tema “Joaquim Nabuco, o reformador social, e a abolição”, chamou a atenção para o fato de que já no livro “O Abolicionismo”, publicado originalmente em 1883, esclarecia Nabuco que a palavra escravidão não significa somente a relação do escravo para o senhor; significa muito mais: a soma do poderio, influência, capital e clientela dos senhores todos; o feudalismo estabelecido no interior; a dependência em que o comércio, a religião, a pobreza, a indústria, o Parlamento, a Coroa, o Estado, enfim, se acham perante o poder agregado da minoria aristocrática, em cujas zenzalas centenas de milhares de entes humanos viviam embrutecidos e moralmente mutilados pelo próprio regime a que então sujeitos.





*Freyre acha que a integração devia ter-se dado logo após o ato da Abolição*

# ARTES CÊNICAS

VALDI  
COUTINHO



Cena do espetáculo “Liberdade Negra e Herança Cultural”, do Lobatinho

## Bonecos do Lobatinho questionam a Abolição

Com o objetivo de mostrar, de maneira poética, a trajetória do negro no Brasil, o Grupo de Teatro de Bonecos Lobatinho apresentará hoje, nos horários das 9 e 15 horas, o espetáculo “Liberdade Negra e Herança Cultural”.

Sediado no Espaço Carmosina Araújo, no bairro de Vasco da Gama, o Grupo de Teatro de Bonecos Lobatinho foi fundado em 1980 por José Dias. Com o espetáculo “Liberdade Negra e Herança Cultural”, o grupo conquistou o primeiro lugar de um concurso patrocinado pela Fundarpe, em homenagem ao Centenário da Abolição da Escravatura.

O espetáculo tem início com a

chegada do negro ao Brasil, até a herança cultural deixada pelos africanos, a exemplo do candomblé, a capoeira, o samba e o maracatu. Segundo Sílvia Brasileiro, diretora de Programas Educativos do Museu do Homem do Nordeste, o trabalho do grupo Lobatinho, em homenagem aos 100 anos da Abolição, é um espetáculo que vale a pena recomendar para as escolas de 1º grau da rede oficial e privada de ensino.

Entre manipuladores, sonoplastas, contra-regras e iluminadores, o show tem a participação de 15 profissionais. O texto e direção do espetáculo são de José Dias e Marcelo Bomfim.

# Assunto Negro da História

**D**eve-se achar graça nessa profusão de historiadores que o centenário da Abolição vem provocando no País inteiro. Não vai nisso restrição a nenhum – afinal seria um absurdo entender um assunto histórico como propriedade de alguns pretendidos cobras. Mas a graça que se deve achar se localiza principalmente em motivos da própria história brasileira, como nos é contada – distorcida, exaltacionista, omissa quanto a fatos e homens que não agradam às elites às portas de um quinhentismo nem sempre digno de louvores.

Muita gente escreve sobre a escravidão como quem prepara um dever escolar, mergulhada até o pescoço em meio à carneirada oficial que dita, desmente e julga – os “magister dixit” – presunçosa e arrogantemente. E atrás dela lá se vão gerações integradas num espírito de rebanho que ao longo dos tempos têm contribuído, em muito, para transformar vilões em heróis, poltrões em paladinos na defesa da pátria.

Com os fatos e sucessos históricos não ocorre diferente. São raros os escritores abolicionistas que se dispõem a abordar o tema da escravidão sem algumas cautelas e sem míticas interpretações. Apontam-se como pouquíssimos os historiadores que não têm papas na língua para conceituar o escravagismo no Brasil como

um verdadeiro genocídio – durante mais de trezentos anos o negro africano construiu sob o chicote, a tortura em todas os seus matizes, e a morte, tudo quanto materialmente alicerçou nossos progressos de agora, que ainda é pasto familiar de muitos dos senhores de antanho.

Mas esse é um assunto que não se deve abordar – desnecessário, inoportuno, que até se devia esquecer. Pensam desse modo não apenas os chamados cientistas políticos do sistema – como se dizia antes da Nova República – com até alguns nostálgicos morenões com ascensão social permitida, consentida.

Salvo naturalmente interesses de que não podem os indivíduos se afastar facilmente, é possível que a explicação se encontre não inteiramente no caráter, mas, agora sim, na versão histórica de que se engurgita quase todo o mundo desde os tempos da colonização pelos portugueses, que aqui nunca vieram como os pioneiros da América do Norte, para construir uma nova pátria, e sim para fazer índios e negros trabalharem seus imensos latifúndios ainda hoje intocáveis e garantidores de poder e êxito, na economia e na política com que se tecem os fios de interesses muitas vezes egoístas e abjetos.

Realmente, a história que nós aprendemos só nos tem levado a modelos de concepção quando não su-

perficiais, controversos e dúbios se honestamente apurados. Os historiadores, à exceção de alguns clássicos, chegam a adorar e repetir o que outros escreveram, desenvolver panegíricos em torno de figuras que foram poderosas, e, numa inconsciência comovedora e patrioteira, deformar realidades e ocorrências que concebem como edificantes.

O negro assunto da História do Brasil, que é o da escravidão, assinala em seu favor uma bibliografia certamente a mais alentada do passado nacional, sendo que, como trabalhos pioneiros na matéria, além de Perdigão Malheiros, no terreno jurídico e de Nabuco na órbita político-parlamentar, cabe a Nina Rodrigues, Manuel Querino e Arthur Ramos destaque muito especial, porque a estes competiu aprofundar os estudos científicos envolvendo o negro e inaugurando enfoques antropológicos e etnográficos.

É à base desses autores que se vem ampliando a bibliografia da escravidão ultimamente. No que toca aos historiadores - os intérpretes do desdobramento de fatos que culminaram com a abolição - o que se verifica são montanhas de omissões e desencontros no vasto seio historiográfico do cativo afro-brasileiro. Elogiam-se escravocratas como o 1º Marquês de Paranaguá como "corifeu da Independência", quando este, num discurso em Lisboa dizia-se en-

vergonhado de ser brasileiro, desejando atravessar o Atlântico a nado, com uma espada nos dentes, para o fim de castigar cá neste lado "esses degenerados" independencistas. É o historiador Varnhagen que pratica semelhante estupidez. O mesmo que se esforça por depreciar os empenhos e as idéias, esquerdistas para a época, de um José Bonifácio, de quem tinha raiva por causa de uma "Memória" redigida pelo Patriarca onde o pai do historiador era dado como incompetente diretor da Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, pela imperdoável introdução de "escravos no serviço".

A maioria dos historiadores brasileiros não prima por outra coisa que não servir-se da história para justificar o que querem justificar, ou esconder - Valery pensava assim. Daí ser preciso que se cuide muito na leitura do que nos transmitem nossos séculos passados. Porque é bom não enganar-se como tantos acerca do padre Anchieta, que com tantos poemas inúteis riscados sobre a beiramar, não era o santo nem a flor cheirável. Sobre os índios, registra Francisco de Assis Barbosa, em "Dom João VI e a Siderurgia no Brasil", uma referência da própria obra do famoso jesuíta: "para este gênero de gente não há melhor pregação do que espada e vara de ferro". No entanto querem canonizá-lo.

# Cultura brasileira

Roberto Motta

**D**evo um esclarecimento a alguns de meus leitores. Não é exato que, em qualquer de meus artigos, eu tenha negado a existência da cultura negra. Não só, se eu tivesse escrito tal absurdo, eu estaria querendo tapar o sol com uma peneira, mas incorreria até em risco de desemprego, já que me defino profissionalmente como estudioso de alguns dos aspectos básicos dessa cultura. O que sim eu acho, e isto desde a minha tese de doutorado, defendida em Nova Iorque com o título **Meat and Feast** (que eu traduziria como **Mesa e Festa**), é que a cultura negra só existe enquanto parte de uma cultura mais vasta, a cultura brasileira. Meu estimado amigo Serafim Santiago Braga, numa carta à redação deste jornal que muito me sensibilizou, captou exatamente meu pensamento.

Sempre investi contra Roger Bastide – sobretudo o Bastide de **O Candomblé da Bahia** – e seus seguidores ortodoxos por causa do que tenho denominado “platonismo”, consistindo em acreditar que a cultura negro-brasileira, sobretudo no aspecto religioso, não represente senão uma memória, que não se dilui nem se mistura, mas se conserva intacta dentro da sociedade nacional. A expressão “memória”, que sai com muita frequência da pena de Roger Bastide, corresponde à reminiscência da filosofia de Platão, para o qual todo verdadeiro conhecimento não passaria da recordação

das essências contempladas pela alma noutra vida e noutro mundo. Para explicar meu ponto de vista noutra vocabulário, direi que a cultura negra é uma supra-estrutura, composta de muitos símbolos e representações e que, enquanto tal, não poderia deixar de ser afetada até o âmago pelas infra-estruturas econômicas, sociais e políticas do Brasil e de outros países das Américas. Se não me digam, por que é que as chamadas culturas negras diferem tão radicalmente no Brasil e nos Estados Unidos?

Também gosto de salientar que o negro brasileiro não está condenado – felizmente isto aqui não é a África do Sul – a expressar-se em termos de “cultura negra”. Parece-me que houve bastante má fé, neste centenário da Abolição, em não se destacar a contribuição do negro para a cultura global brasileira e até para os aspectos mais refinados dessa cultura. Chega-se mesmo à impressão que os organizadores de muitos festejos e conferências, realizados nos quatro cantos do País, têm vergonha de Machado de Assis e de Lima Barreto. Não sei se, no caso deste último, devido ao fato de o autor de **Clara dos Anjos**, trafegando em trens de subúrbio do Rio de Janeiro, inventar que era um “conde russo”. Mas afinal por que não? O genial Pushkin, talvez o maior poeta da língua russa, era, ao mesmo tempo, mulato, russo e conde. E se era assim na Rússia, quanto mais no Brasil, que é mesmo terra de negros?

## Sertão lança protesto contra escravidão negra



*Sertanejas, pobres e negras repudiam o FMI e proclamam mais liberdade nas áreas de Serra Talhada*

## Gildson Oliveira

Pela primeira vez, a história da Serra Talhada, município do Serro Central de Pernambuco, a 486 quilômetros de Recife, negros de diversos grupos organizaram-se e promoveram uma grande manifestação pública em memória do centenário da abolição.

A festa - "A Raça Negra e os 100 anos da Abolição" - reuniu 3.000 pessoas transformando a Praça desabafo coletivo e as velhas estruturas da Pais, demonstrando o grau de conscientização e o avanço que milhares de trabalhadores rurais do campo entendem em busca do seu próprio destino.

Não foi uma festa comum para um povo pobre e desassistido de pequena cidade sertaneja. Foi um ato de forte conteúdo político do trabalhador esclarecido, como o recente sindical Manoel Santos, que também negro. Segundo ele, a discriminação impera a

cada dia em Serra Talhada. Falando ao povo, naquela noite de 13 de maio, Santos disse que se havia algo a comemorar, era a luta dos negros pela sua libertação que continua até hoje.

Comunicou, ao mesmo tempo, que a libertação não vem por decreto e hoje, no Brasil, não só os negros, mas os brancos e todos os brasileiros, são vendidos no FMI. Antes da concentração houve uma passeata que percorreu ruas da cidade e, em vários trechos, a multidão aplaudia em solidariedade aos trabalhadores.

### ABRE ALAS

A escola de samba "Universitários do Samba", formada por 30 componentes, todos negros, ia na linha de frente, cantando o refrão "Abre Alas". Num carro de som, Vanete Almeida, assessora da Fetape e que recentemente esteve na Nicarágua, coordenava a manifestação. Mulher negra com destacada atuação no Movimento Sindical Rural de Per-

nambuco, Vanete explicava as diversas alegorias que vinham representadas em 13 carroças de burro, ornamentadas com originalidade para a festa. A primeira carroça trazia a "Mucama e a Sinhazinha". Conforme a explicação, a escrava negra, moça e de estimação, era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros e acompanhar as pessoas da família, principalmente a sinhá-moça, filha do senhor de escravos. A mucama, além de dama de companhia, servia para ajudar a sinhazinha nos banhos, na troca de vestimentas, nos passeios e nas brincadeiras.

Na segunda carroça, vinha a "Ama-de-Leite" também conhecida por mãe-preta ou ama-seca. Descrevia Vanete Almeida que nas fazendas de cana-de-açúcar havia dois tipos de escravos: os domésticos e os de eito. Dentre os primeiros destacava-se a ama-de-leite, escrava de toda a confiança da Sinhá, sobre a qual se atribuía o cuidado com os filhos e a amamentação dos recém-nascidos.

A terceira carroça representava "A Sinhá e a Liteira", uma espécie de cadeira coberta em que os escravos conduziam a sinhá nos passeios, nas compras etc. A quarta carroça mostrava "Os Cortadores de Cana", representando a mão-de-obra escrava empregada durante todo o ciclo açucareiro. Os escravos negros substituíam os indígenas e durante três séculos suprimam a agricultura com o trabalho braçal. A quinta carroça conduzia "A Filha de Santo e o orixá Iemanjá". Segundo a explicação, a cultura religiosa africana, na mentalidade brasileira, tem uma prática maléfica, confundida com feitiçaria e tem sido reprimida nas esferas le-

vesa Aquatune, grande chefe, alto, forte e musculoso. Foi ele quem chefiou a resistência no Quilombo dos Palmares, luta que durou 67 anos. Na oitava carroça, ao lado de "Ganga Zumba", a figura de "Zumbi". Cita a história que Zumbi passou de coroinha e estudante de Latim a guerrilheiro ao lado de seus irmãos de raça, até se tornar o Rei do Quilombo dos Palmares.

Zumbi nasceu em 1655, nos mocambos de Palmares, ano em que o governador de Pernambuco, Francisco Barreto, enviou a primeira expedição contra Palmares, após a expulsão dos holandeses, comandada por Brás da Rocha Cardoso. Depois de 16 expedições que investiram contra o Quilombo dos Palmares, em 1694, Domingos Jorge Velho, juntamente com nove mil homens, fortemente armados, fizeram cerco ao Quilombo, tomando todas as entradas do forte. Zumbi e seus principais capitães foram trucidados e o Quilombo definitivamente exterminado.

Era o ano de 1697. A cabeça de Zumbi foi posta em exibição no pátio da igreja de N. S. do Carmo, para servir de exemplo aos escravos que tentassem fugir ou resistir à escravidão.

Na nona carroça "O Negro no Tronco" representava os castigos que eram comuns, permitidos por lei e pela Igreja da época. Depois de acorrentado por vários dias e chicoteado, os ferimentos eram salgados e os casos mais graves recebiam penas maiores que iam desde a quebra de dentes, a amputação dos seios, castração e até o emparedamento do negro vivo.

#### LEI ÁUREA

Na décima carroça estava representada a "Lei Áurea" e nas carroças seguintes vinham as outras leis: "A proibição

que a data histórica para a raça negra é o 20 de novembro, quando se rememora a morte de Zumbi.

João Barbosa do Nascimento, conhecido por "João Neguinho", um preto velho com 78 anos, acompanhava a passeata muito satisfeito por estar participando desse "movimento negro", coisa que, segundo ele, nunca tinha visto em Serra Talhada. Ao seu lado, "seu" Luís Raimundo da Silva, outro negro velho com 75 anos, participava alegremente da passeata, "porque é uma coisa muito importante".

"Dona" Lalinha Gomes do Nascimento, negra de 49 anos, quando pegou o microfone perguntou emocionada:

- Por que tanto desemprego? Por que tanta discriminação?

Ela declarou que é filha de Serra Talhada, mas nunca conseguiu uma oportunidade de emprego. Indagada se era por ser negra, respondeu:

- Não, meu filho. É porque nunca tive sorte...

A manifestação foi encerrada na Concha Acústica, localizada no centro da cidade, com a apresentação de peças teatrais, capoeira e muita música. A moçambicana Graciete, militante negra africana, que se encontra em Serra Talhada e participou da manifestação, denunciou o Apartheid em seu país e foi aplaudida por mais de 3.000 mil pessoas que assistiram ao encerramento da concentração. Na praça, lotada, estavam crianças negras, mulheres, velhos e centenas de trabalhadores do campo.

A festa, que ainda repercute em todo o Sertão pernambucano, foi coordenada por Adailson Verra, Vanete Almeida, Marlene Simões, Dalma Régia, Ivo Campos, Manoel Santos e outros assessores da Fetape e do Pólo Sindical do Sertão Central de Pernambuco.



## *Ve*z do preto



Os brasileiros em geral, principalmente os pretos, estão vendo e sentindo neste ano de 88, algumas coisas de relevantes em relação à raça negra. O Centenário da Abolição, sem dúvida alguma é o grande motivo para tantas comemorações e eventos acontecidos e que acontecerão, tudo isto no decorrer deste ano em que estamos.

Tudo está indicando, este ano que, o número 13 passou de azar para sorte, ficando os "Coloreds" sentindo a coisa bem diferente que dantes. Este ano, até a Miss Pernambuco é de cor, havendo com isso uma euforia bem acentuada na nossa raça de escuros.

Para completar, ganhamos até um feriado desativado há muito tempo atrás, ficando alguns descontentes e menos satisfeitos, pois é realmente um feriado "black".

Em suma, tudo muito bem, democracia é democracia, portanto por que racismo em País que é difícil identificar quem é branco?... Tomara que tudo continue assim, e que tudo isto que está acontecendo não seja "blefe", nem esmola grande entregue para o cego, pois já pensou no dia quatorze começar tudo de novo? - **Fernando Brandão dos Santos - Recife**

---

---

**ARTES CÊNICAS** | VALDI  
COUTINHO

# “Raça e Força” no Dança para Todos

O Grupo África-Brasil ocupa o Teatro Barreto Júnior, todas as quartas-feiras, às 21 horas, com o espetáculo intitulado “Raça e Força”, dentro do projeto “Dança para Todos”, da Fundação de Cultura da Prefeitura do Recife, com temporada que vai até o dia 8 de junho.

O espetáculo tem como objetivo apresentar os movimentos coreográficos do negro, a sensualidade, os mistérios, a magia e o sofrimento advindo da discriminação, utilizando a dança, o teatro e a música como linguagem, explicam os criadores do Grupo África-Brasil, Alaíde Gomes e o seu filho Carlos André Gomes (Joe). Os dois criaram o conjunto artístico com o objetivo de expandir a cultura afro-brasileira em todos os setores da nossa sociedade.

Outras informações sobre o espetáculo “Raça e Força”, conforme os próprios produtores e

idealizadores: o roteiro focaliza a vida do negro africano e seus descendentes no Brasil com a entrada do negro no país, a escravidão, o engenho, a religião, as contribuições do negro para a agricultura e, em especial, para o cultivo da cana-de-açúcar, os anseios pela liberdade, a capoeira, o maculelê, o quilombo, o negro e suas danças, seus místicos orixás, culinária e, finalmente, os folguedos, principalmente o maracatu.

A concepção do espetáculo é de Carlos André Gomes, com direção cênica de Eduardo Gomes e direção geral de Alaíde Gomes. Elenco: Alaíde Gomes, Alexandre Ferreira, Aluizio Gomes, Betânia Arcanjo, Fábio Correia, Flávio de Souza, Itamara de Jesus, Marcelo Gomes, Mary Sales, Patrícia Miranda, Roberto Carlos, Roberto Kibom, Roberto Teles, Sandra Gomes, Sílvio Natureza, Valéria de França e Walkíria Chagas.

## Cultura no Recife ganha mais um espaço

O Recife ganha mais um espaço cultural. Trata-se do cineteatro José Carlos Cavalcanti Borges, da Fundação Joaquim Nabuco, instalado no Derby. Para marcar o acontecimento foram programadas várias atrações, entre dança, música, mamulengo, cinema e teatro ao longo de toda esta semana com entrada franqueada ao público. Hoje, após a solenidade de inauguração, com início previsto para as 20 horas, será encenado o espetáculo **Frutos da Abolição**, a cargo do Balé de Cultura Negra, sob a direção de Ubiracy Ferreira.

Para amanhã, foi escolhido o show musical **Para o Alto e Para a Luz**, com os grupos selecionados pelo Projeto Espaço Aberto, de 1984 a 1987, ou seja, Tonino de Arcoverde, Neno Ferreira, Grupo Ar Livre e a Banda Clã. Na sexta-feira será a vez do Mamulengo **Só-Riso**, que levará o espetáculo **Festanção**, de Fernando Augusto. O sábado será dedicado ao cinema, com a mostra **Tamanho Não é Documento**, apresentando a produção regional de curta-metragem em 35mm. A mostra tem apoio da Fundação do Ci-

nema Brasileiro e exibirá os filmes: **Chá**, de Paulo Maurício Caldas; **Sulanca**, de Kátia Mesel; **Bajado, um Artista de Olinda**, de Sany Lafon; **Evocações Néelson Ferreira**, de Flávio Rodrigues; **O Último Bolero no Recife**, Fernando Spencer (lançamento), todos de Pernambuco. E ainda, **Cantos Flutuantes**, de Umberto Dias (Bahia), **Paraíba**, de Machado Bittencourt (Paraíba), e **Ponto das Evas**, de Celso Brandão.

Encerrando a programação de inauguração, será apresentada a peça **A Flor e o Fruto**, de José Carlos Cavalcanti Borges, sob a direção de Carlos Bartolomeu, numa produção da Caco. O espetáculo é uma adaptação para teatro da obra **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, e a partir de junho, permanecerá em cartaz de quinta a domingo, sempre às 21 horas.

O cineteatro José Cavalcanti Borges tem capacidade para 322 pessoas, ar-condicionado central, largura de boca de cena de sete metros, trinta refletores de 500 watts, serviço de lanchonete, amplo estacionamento, entre outras atividades. **Inês Cunha.**



O cineteatro será inaugurado esta noite com a apresentação do espetáculo "Frutos da Abolição", a cargo do Balé de Cultura Negra

## Ontem e hoje

Vem sendo festejado o Centenário da Abolição da Escravatura Negra no Brasil. Zumbi pela coragem; Castro Alves, Joaquim Nabuco, José Mariano pela grande verve são hoje idolatrados e não tiveram a felicidade de testemunharem o fato histórico. Foram, porém, grandes baluartes e incentivadores daquele episódio realmente áureo. E, no dizer de Cotegipe, a Princesa Isabel "redimiu uma raça e perdeu uma coroa". O processo aconteceu paulatinamente: Lei do Tráfico, Lei dos Sexagenários, Lei do Ventre Livre, Lei Áurea. E o homem de cor, brasileiro ou afro-brasileiro, deixou de ser tratado como alimária, mas ainda não é tratado como gente. As mazelas ficaram e perduraram. O preconceito e espoliação persistem. Ontem, o trabalho era trocado por um prato de feijão; hoje, por um salário mínimo, quando muito, e que não dá para um prato de feijão. Ontem, morriam de banzo; hoje, morrem de fome. Ontem, a senzala; hoje, um chão invadido. Ontem, o tronco; hoje, o pau-de-arara. Ontem, a prole arrebatada e arrebentada; hoje, a prole abandonada.

Houve, de fato, abolição da escravatura no Brasil? Estou com o escritor francês Eliphaz Levi quando diz: "Enquanto a propriedade não for abolida, a servidão não terá desaparecido da Terra. Que importa que sejamos ligados com cadeias de ferro ou com cadeias de ouro! Se a terra não é livre, os homens não o são. Para sobreviver, o homem se condena a uma existência mais dura do que os antigos escravos e sofre todos os caprichos de um senhor temeroso de perder, ao mesmo tempo, o trabalho e o pão. Para sobreviver, uma jovem vende sua carne ao mais vil dos ultrajes... E dizeis que não há escravos sobre a Terra?" - E isso tudo ainda acontece no Brasil. Aquele que tiver muito apego à riqueza estará perdido, dará a conhecer os pontos pelos quais poderá ser escravizado. Escravos continuamos sendo todos aqueles atrelados aos caprichos dos poderosos. Escravos somos todos aqueles que vendemos a nossa consciência para sobrevivermos. Muito mais do que secular é a abolição dos direitos humanos. E, só deve ter direito, quem direito age.

O preconceito racial entre nós foi substituído por uma forte discriminação sócio-econômica. No Brasil do Século XX, mais vale um negro rico do que um branco pobre. Há muitos brancos brasileiros querendo ser Pelé. O ter vem sobrepujando o ser, independentemente da coloração da epiderme. Mais séculos passarão e o homem brasileiro valerá pelo que tem. Enquanto a Constituição não for elaborada por uma sociedade instruída e esclarecida, nada mudará neste País. - Letícia Martine Moraes - Olinda

## NOITE AFRO

O Grupo Pra-Ver Produções Artísticas promove, hoje, a partir das 21 horas, no Teatro Popular do Bonsucesso, em Olinda, a I Mostra de Coreografia Afro de Olinda, com apoio da Associação de Teatro de Olinda, Prefeitura (Gerência de Cultura) de José Arnaldo, Secretaria de Governo, Feteape, Fundarpe (Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo

do Estado) e Grupo Cênico Liberdade. Serão homenageados várias personalidades e entidades que contribuíram para o desenvolvimento da arte negra, tais como: Nazareno Petrócio, Nascimento do Passo, Grupo Cênico Liberdade, Grupo de Capoeira Gunga, afoxés Alafin Oyo, Povo de Odé e Axé da Lua, Escola de Samba Oriente. Associação de Moradores do Guadalupe, Maracatu Piaba de Ouro, Zumbi Bahia, Grupo Musical Afro-Axé e outras.

## **Pai Adão reúne os raizeiros**

Encontro de raizeiros será realizado amanhã, a partir das 9 horas, no Sítio de pai Adão, na Estrada Velha de Água Fria. A iniciativa visa “reativar essa medicina”, declarou o babalorixá, deste terreiro, Manoel do Nascimento da Costa, conhecido por “Papai”. Debates, que serão registrados através de vídeo, terão a participação de mais de 50 pessoas ligadas ao assunto.

Para hoje,, às 15 horas, no Sítio, “Papai” convida os sócios do Intercab para discutirem a ida dos representantes de Pernambuco à V Conferência Mundial de Tradição dos Orixás, a se realizar no mês de agosto, em Cuba. A reunião também servirá para acertar os detalhes da Bandeira de São João e toque de Iemanjá-Ogundê, no próximo mês.

Com o intuito de reviver os velhos tempos, a Bandeira de São João sairá da casa de dona Marlene - uma filha-de-santo - na Baixa da Zé Ribeiro, em Água Fria, no dia 23 de junho, percorrendo algumas ruas do bairro, sendo depois recolhida no Sítio.

A Bandeira de São João surgiu devido a perseguições passadas aos terreiros, que para driblar a Polícia realizavam a procissão e depois uma roda de coco, onde se cultivava, na realidade, Xangô, orixá da justiça. O toque a Iemanjá será também no dia 23 de junho, com início às 23 horas.

A reunião do Conselho Estadual de Candomblé, que também acontecerá hoje, terá o resultado apresentado ao Conselho Nacional, na Bahia, no dia 7 de julho, pelos legitimados representantes de Pernambuco, que são o "Papai", o ogan Jorge Moraes e Severino Lepe.



## *Escravos somos nós*

Pensando bem, a abolição da escravatura é uma utopia. O homem é um escravo permanente, tenha ele a filosofia de vida que tiver. Escravo da sociedade, escravo das leis, escravo dos costumes e escravo da doença. Escravo da guerra, escravo da liberdade escrava, escravo das paixões, escravo dos preços, do feijão, da farinha, do arroz, do pão, da carne, do óleo, escravo da vida e escravo da morte. Escravo dos pensamentos, escravo da ganância e escravo da ilusão. Escravo da “loto”, escravo da “sena” e escravo de si mesmo. Ainda nascituro, já é escravo do cordão umbilical e escravo da alegria, da angústia e dos sentimentos de sua mãe. Nascido, fica à mercê dos outros, escravo da mãe, escravo do choro, escravo da fralda, escravo do banho, do calor e, às vezes, até da sujeira. Crescido, fica escravo dos filhos, escravo da mulher, escravo da avó, escravo do patrão, escravo

das dívidas, escravo da condução, da geladeira, do fogão, do rádio, do jornal, da televisão e até do vício de fumar e, finalmente, escravo da profissão, porque, se vai ser militar, fica escravo da farda, escravo da hierarquia, escravo do grito, escravo do horário e escravo do rancho. Se vai ser comerciante, fica escravo do freguês; se profissional liberal, escravo do cliente; se médico, escravo do paciente. Como se vê, há uma escravidão permanente e intrínseca nas relações humanas. E, como se não bastasse essa escravidão permanente em vida, depois da morte, o homem ficará escravo da decisão de Deus de mandá-lo para o céu, inferno ou purgatório. Eu mesmo, sou escravo da igreja, dos livros, da cerveja, do cigarro, do forró – e até escravo daquela moça da praia que passou com um fio-dental enterrado na escravidão. Por isso, eu sempre digo: a abolição da escravatura só fez igualar a escravidão, fazendo do negro um permanente escravo branco. E já que sou escravo de tudo isso, o grito de liberdade fica sufocado nas retóricas políticas dos que me escravizam através do voto... – **Luiz Gonzaga de Vasconcelos - Recife**